

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SILVA JARDIM

ÁREA: ENSINO MÉDIO INTEGRAL

PROJETO

“CONHECENDO ALFREDO WAGNER”

ALFREDO WAGNER, OUTUBRO DE 2013

DESCRIÇÃO DO PROJETO

- Título da experiência:
Conhecendo “Alfredo Wagner
- Autora do Projeto:
Caroline Pereira
- Público Alvo:
2º ano – Ensino Médio Inovador
- Turno:
Integral
- Abordagem da experiência:
Incentivo ao resgate histórico da comunidade onde vivem, visando a solução de problemas existente e oportunizando um crescimento econômico para a cidade.
- Duração da Experiência:
Ano letivo de 2013
- Localidade:
Área urbana do município de Alfredo Wagner

CONHECENDO
ALFREDO WAGNER



CONHECENDO
ALFREDO WAGNER

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.”

Paulo Freire

SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA

As escolas de Santa Catarina estão adotando um novo padrão de ensino, iniciando pelo ensino médio, o programa chamado Ensino Médio Inovador, proporciona aos alunos um ensino integral e diferenciado. Entre as diferenças dessa modalidade está a adoção de eixos para nortear o ensino.

O 2º ano do Ensino Médio Inovador tem como eixo “Escola e comunidade”, visando uma ação comunitária. Como mudar a realidade da minha comunidade a partir do conhecimento? Como o conhecimento pode contribuir para a melhoria da comunidade? Foi para responder essas e outras perguntas que nasceu a ideia de conhecer nossa cidade através de um projeto.

O projeto: “Conhecendo Alfredo Wagner”, passou a ser desenvolvido com os alunos do 2º ano do Ensino Médio Inovador, com início no mês de março do ano letivo de 2013 e terá sua finalização no mês de dezembro, com o lançamento de um livro como parte do projeto.

A experiência teve como objetivo proporcionar aos alunos a exploração do lugar onde vivem, conhecendo sua cultura, história, biodiversidade, aspectos geográficos, através de visitas de campo até as comunidades de nossa cidade. Os alunos estudaram a história das comunidades, bem como a origem dos primeiros colonizadores, dando foco a maneira que se vivia nos primórdios da colonização de nossa cidade, analisaram as belezas naturais encontradas nas saídas de campo; elaborando assim um plano turístico para ser apresentado à prefeitura. O projeto proporcionou também aos alunos conhecer as espécies de animais e vegetais endêmicos e não endêmicos de nossa região, coletando dados sobre diversas espécies vegetais de nossa flora, estudando os ecossistemas e o desequilíbrio biológico. Outro objetivo foi a elaboração de uma linha do tempo com a cronologia histórica de nosso município e estudar a fundo os aspectos da geografia física e humana de nossa cidade.

Para levar esse conhecimento até os alunos decidimos adotar como uma das metodologias do projeto as viagens de estudo. Com a prática da saída de campo, esperou-se que os alunos buscassem no contato com a realidade uma relação mais aprofundada e contundente daquilo que se estuda, visando conscientizá-los das transformações e apropriação do espaço pela presença e atuação do homem, que mesmo no quadro natural, transforma e influencia o espaço. Notou-se que as saídas de campo são ótimas estratégias de ensino/aprendizagem, pois despertaram o interesse dos alunos e levaram à sua ativa participação, permitindo uma observação direta do ambiente e uma relação com a realidade.

Outras metodologias também foram empregadas no projeto como: elaboração de folders; Diários de bordo, onde os alunos detalharam suas visitas às comunidades, exercitando assim a escrita e documentando cada saída; Elaboração de um vídeo turístico para a cidade; Ação comunitária; Incentivo ao resgate histórico por meio de entrevistas realizadas com membros da comunidade; Promoção do hábito da leitura aos alunos e também a comunidade em geral; Apresentação do projeto em feiras e exposições; Elaboração de um

livros como finalização do projeto; Poemas; além e outras ações que tiveram como base o desenvolvimento da leitura, expressão oral e escrita.

Realizamos a avaliação do processo ensino-aprendizagem de maneira contínua e formativa com caráter qualitativo possibilitando, assim, uma análise dos resultados obtidos. Buscamos no decorrer do processo respeitar as diferenças individuais e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, já que a avaliação não deve ser utilizada como um instrumento de exclusão, mas servir como um processo de análise dos aspectos cognitivos, afetivos e relacionais.

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA.....	1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	1
OBJETIVOS EDUCACIONAIS.....	4
CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	5
METODOLOGIA.....	5
PARCEIROS NO PROJETO.....	8
ARTICULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	8
CONCLUSÃO.....	9
BIBLIOGRAFIA.....	10

I. JUSTIFICATIVA

De acordo com o censo de 2010, a população de Alfredo Wagner é de 9.410 habitantes dos quais 70% vivem na zona rural. Na Escola de Educação Básica a situação não é diferente, a maioria absoluta dos alunos também vem da zona rural, gerando assim uma necessidade de amparo aos mesmos, tornando os temas trabalhados em sala de aula mais voltados ao seu dia-a-dia tornando-os mais atraentes e possibilitando uma troca de saberes entre alunos do meio rural e do meio urbano, reconhecendo as dificuldades encontradas nas comunidades e buscando soluções.

A cidade de Alfredo Wagner tem apenas 51 anos de emancipação político/administrativa, porém suas histórias transcendem os séculos, mas muitas delas estão morrendo com seus protagonistas ou ficando esquecidas pelo tempo, existindo assim uma necessidade de resgate e registro histórico desse material, visando a propagação das tradições, cultura e costumes de nosso povo. Conhecer a cidade em que se vive é algo primordial para que se possa criar uma harmonia entre o passado e o futuro e para isso deve-se proporcionar uma reflexão sobre as origens de seu povo para que assim possa se criar uma identidade crítica e cultural em seus futuros cidadãos.

O nível de escolaridade do Alfredense é bastante satisfatório, porém poucos cidadãos tem o hábito de ler, com o projeto disponibilizando leituras sobre o meio onde vivem, com a ajuda das redes sociais conseguimos atingir um grande número de leitores cativos, que acompanharam todo o projeto, interagindo e em alguns casos até participando da pesquisa e elaboração do textos. Com ações como está contribui-se para que a cultura de toda a sociedade aumente.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando a Escola como um espaço vinculado historicamente a um sistema capitalista, com desigualdades sociais, relações de exploração, individualismo, competição e lucro, devemos estar atentos para que tipo de homem e de sociedade queremos, para encararmos o desafio da não perpetuação ou reafirmação dessas relações sociais.

Uma vez que essa realidade não está pronta e acabada, o espaço da escola dever ser usado para a transformação, superação destas relações individualistas, buscando relações de solidariedade, igualdade, inclusão, respeito e dignidade, visando também prepara-lo/a para o exercício da cidadania através da pratica e cumprimento de direitos e deveres, pois a escola, enquanto instituição pública e/ou privada, inserida na sociedade, reflete o contexto sócio-cultural em que atua.

A educação é um ato de conhecimento. Conhecer e transformar a realidade é a essência de um processo. Não um conhecimento abstrato, reduzido às noções, princípios e informações conteudistas, separado da vida,

mas algo que surge da prática, numa construção comum, em que os indivíduos deixam de ser solitários para ser solidários.

Pelas têmporas críticas do processo ensino-aprendizagem, sabemos que só incorporamos o conhecimento quando relacionado com a nossa realidade social e os nossos interesses e necessidade; e que nós mesmo construímos desconstruímos e reconstruímos, através da “Práxis” – relação dialética entre a teoria e prática.

A práxis é usada por educadores para descrever um panorama recorrente através de um processo cíclico de aprendizagem experimental.

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a aço criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

O ser humano e a sociedade são entendidos como sociais e históricos. No seu âmbito teórico, isto significa ser resultado de um processo histórico, conduzido pelo próprio homem. Essa compreensão não consegue se dar em raciocínios lineares. Somente com um esforço dialético é possível entender que os seres humanos fazem a história, ao mesmo tempo que são determinados por ela. Somente a compreensão da história como elaboraço humana é capaz de sustentar esse entendimento, sem cair em raciocínios lineares. Ilustrativo dessa concepço é a afirmaço de que os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim aquelas com as quais se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradiço de todas as geraçoes mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos (MARX, 1978).

Falar em socializaço do conhecimento das ciências e das artes implica também em encarar a relaço desse conhecimento com outros saberes, tais como o do cotidiano e o religioso. Não se trata de negar a existência, nem a importância desses saberes, nem de considerar que o aluno chega a escola sem saber nenhum. Nas diferentes áreas do conhecimento, as crianças e os jovens já trazem conceitos elaborados a partir das relaçoes que estabelecem em seu meio extra-escolar, que não podem ser ignorados pela escola. Trata-se de lidar com esses saberes como ponto de partida e provocar o diálogo constante deles com o conhecimento das ciências e das artes, garantindo a apropriaço desse conhecimento da maneira científica de pensar.

É importante frisar, ainda, sobre este assunto, socializar o conhecimento das ciências e das artes implica também em oportunizar a informaço científica, de forma dogmática, acrescenta muito pouco ao preparo intelectual dos alunos, uma vez que as informaçoes científicas, diante da dinamicidade da ciência, tornam-se rapidamente obsoletas. O que não se obsoletiza é a maneira de pensar que permita a autonomia de cada um na compreensão do conhecimento e das informaçoes, na busca e na elaboraço de novas informaçoes e de novos conhecimentos, uma vez que a elaboraço de novos conhecimentos se dá sempre a partir dos conhecimentos que alguém já tem internalizados.

A socializaço do conhecimento na perspectiva do universal implica em não se prender a conhecimentos localizados, nem a abordagem localizada do conhecimento. Isto, no entanto, não significa uma postura de desprezo para com a realidade proximal dos alunos, apenas na necessidade de ir para além dela, oportunizando ao aluno o entendimento de que o conhecimento tem

características universais. Explicitando melhor: trabalhar com o conhecimento numa perspectiva universal significa saber lidar com a realidade proximal dos alunos, provocando o diálogo dessa realidade com conhecimentos que a expliquem, mas expliquem ao mesmo tempo o mundo. Exemplificando: a história de vida individual de cada aluno pode adquirir um caráter universal, se for compreendida a carga da história universal que determina essas histórias.

No que diz respeito a esse assunto, a Proposta Curricular de Santa Catarina faz a opção pela concepção histórico-cultural de aprendizagem, também chamada sócio-histórica ou sociointeracionista. Esta é uma concepção relativamente jovem, embora traga também uma carga conceitual que a liga a diferentes momentos da tradição filosófica, desde a antiguidade.

A contribuição dos especialistas em assuntos educacionais no contexto da Proposta Curricular insere-se na possibilidade de oportunizar discussões tais como: a função social da escola, as concepções de currículo, conhecimento e conteúdo, bem como o delineamento, execução e avaliação do projeto político-pedagógico.

Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a prática individualizada e fragmentada que se tem processado até então nas escolas, buscando uma prática coletiva, por parte dos especialistas (administradores, supervisores e orientadores educacionais), dos professores, pais, alunos, funcionários e demais envolvidos na escola, para que, a partir da especificidade do trabalho de cada um, se alcance a compreensão da totalidade do processo educativo através de uma postura que viabilize a construção de uma escola pública de qualidade.

A educação escolar deve exercitar a democracia e a cidadania, enquanto direito social, através da apropriação e produção dos conhecimentos. Para tanto, faz-se necessária a busca de uma sociedade isenta de seletividade e discriminação, libertadora, crítica, reflexiva e dinâmica, onde homens e mulheres sejam sujeitos de sua própria história.

Parte-se, portanto do pressuposto de que o homem

... é definitivamente cidadão, se pode efetivamente usufruir dos bens materiais necessários para a sustentação da sua existência física, dos bens simbólicos necessários para a sustentação de sua existência subjetiva e dos bens políticos necessários para a sustentação de sua existência social.

(SEVERIANO, 1994, P. 98)

Neste sentido, ser cidadão implica em participar e apropriar-se das condições materiais, sociais e culturais onde as relações (de poder) sejam democráticas, com igualdade de oportunidades, pois a democracia é aquela característica de uma sociedade que garante à totalidade de seus membros essas condições (SEVERIANO, 1994, P. 64).

Contudo, a escola por si só não forma cidadãos, mas pode preparar, instrumentalizar e proporcionar condições para que seus alunos possam se firmar e construir sua cidadania. Ela é uma instituição que sobre a influência aquilo que acontece ao seu redor, portanto, não é neutra, mas resultante da totalidade de atos, ações, valores e princípios da realidade histórica que interfere nos seus procedimentos.

Nessa perspectiva, a escola deverá buscar sua autonomia a competência como espaço de decisão que trabalhe na direção de

... que as crianças e os jovens aprendam, diminua a repetência e aumente a permanência (...). Que a passagem por ela resulte na apropriação de conhecimentos e habilidades significativas para não só participar da sociedade, mas principalmente. Se atuante e determinante no processo de transformação.

(SANTA CATARINA, 1991, P.11).

Ao dizer “que as crianças e jovens aprendam” entende-se que aprender não significa memorizar, A aprendizagem é compreendida, na perspectiva histórico-cultural, como um processo de experiência partilhada, de comunhão de situações, de diálogo, de colaboração. O aprendizado é um processo de trocas, portanto, social (sujeito-sujeito-objetivo).

A exigência da sociedade frente aos avanços tecnológicos e as transformação econômicas e culturais colocam cada vez mais a necessidade de a escola voltar-se para a produção do conhecimento na construção dos bens sociais, culturais e materiais para o exercício da cidadania, exigindo dos educadores uma postura crítica frente a esta realidade.

A cultura apresenta-se ligada de forma direta às questões educacionais, principalmente quando buscamos explicações para determinados problemas que permeiam a educação no Brasil. Para que possamos compreender tais questões, é necessário estabelecer paradigmas teóricos mais ampliados que possibilitem a compreensão destas questões, sem omitir a questão cultural. Só com um novo olhar cultural será possível uma melhor compreensão do fazer socializador da escola em seu cotidiano.

Se, então, currículo implica em expressão de interesses, na maior parte das vezes conflituosos e difíceis, e se, historicamente, temos vivido um currículo que foi sendo determinado em função de uma organização disciplinar (distribuição de tempos, espaços, materiais etc) sendo naturalizado na escola e, com interesses, valores, formas de pensar, é necessário retomar estas reflexões no cotidiano escolar para que de fato possamos nos tornar sujeitos no processo educacional.

III. OBJETIVOS EDUCACIONAIS

- Proporcionar aos alunos a exploração do lugar onde vivem, conhecendo sua cultura, história, biodiversidade, aspectos geográficos, através de visitas de campo até as comunidades de nossa cidade.
- Estudar a história das comunidades, bem como a origem dos primeiros colonizadores, dando foco a maneira que se vivia nos primórdios da colonização de nossa cidade;
- Analisar as belezas naturais encontradas nas saídas de campo e elaborar um plano turístico;
- Elaborar uma linha do tempo com a cronologia histórica de nosso município;
- Estudar a fundo os aspectos da geografia física e humana de nossa cidade;
- Elaboração de Diários de bordo, onde os alunos detalham suas visitas às comunidades, exercitando assim a escrita e documentando cada saída;

- Incentivo ao resgate histórico por meio de entrevistas realizadas com membros da comunidade.
- Promoção do hábito da leitura aos alunos e também a comunidade em geral;

IV. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A escola fica localizada na área urbana da cidade de Alfredo Wagner. O município tem mais ou menos 9.410 habitantes e sua principal fonte de renda é a agricultura (produção de cebola).

O estabelecimento de ensino é administrado pela Secretaria Estadual de Educação (SED) e é o único estadual da cidade. Desta maneira atende cerca de 1.000 alunos, distribuídos em três turnos (matutino, vespertino e noturno) em nível de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1º à 3º ano do Ensino Médio. Estes estudantes se dividem em uma parcela que mora na periferia (interior), onde seu contato com a agricultura é constante, e outra que mora no perímetro urbano, onde existe mais acesso à modernidades do mundo atual. Possui ainda duas turmas de Ensino Inovador (sistema de ensino que consiste na permanência na escola três dias por semana em período integral com o oferecimento de oficinas técnicas práticas e aulas de estudo).

Quanto ao espaço físico, é constituída por dois prédios em boas condições de uso, com salas proporcionais ao número de alunos. Possui 16 Salas de aula climatizadas; 1 Biblioteca; 1 Secretaria; 1 Sala de Professores; 1 Sala de planejamento para professores ; 1 Sala de Pedagogo; 1 SAED – Sala de atendimento a educação especial, 1 Sala de informática climatizada com a disponibilidade de diversos aparelhos tecnológicos (30 computadores, 4 data shows, 2 estéreos), Sala do Ensino Inovador, Ginásio de esportes, Quadra descoberta, Cozinha e um Depósito.

V. METODOLOGIA

Conhecer o lugar em que se vive é a melhor forma de entender o contexto social, bem como criar uma interligação entre espaço e indivíduo. Trabalhando com o Ensino Médio Inovador o eixo “Escola e Comunidade” nasceu a ideia de explorarmos nossa cidade resgatando sua história e relacionando os conteúdos de sala de aula com nossas saídas de campos.

“Muitas vezes viajamos em busca e paisagens deslumbrantes, lugares ricos em história, com sabores irresistíveis e pessoas encantadoras. Buscamos romper fronteiras, tanto as territoriais quanto as do conhecimento, e temos a impressão de que só encontraremos isso a léguas e léguas de distância. Para quebrar esse tabu resolvemos mergulhar na história de nosso município e desvendar a Alfredo Wagner que ainda não conhecíamos.

Decidimos sentir o prazer de viajar pela nossa cidade, fazendo de cada saída de campo uma viagem pela cultura de nosso povo, pelas peculiaridades de nossa história e por nossas belezas naturais, aflorando assim o orgulho de ser Alfredense e despertando o desejo pelo conhecimento.”

O projeto envolveu as seguintes disciplinas: Informática, Língua Portuguesa, Filosofia, História, Geográfica, Biologia, Empreendedorismo, Artes, Inglês, Matemática e Sociologia. Durante um mês todas as matérias acima citadas estavam envolvidas no projeto e após esse período apenas as matérias de Informática, Língua Portuguesa e empreendedorismo seguiram trabalhando o projeto com conclusão prevista para o final deste ano letivo.

O município de Alfredo Wagner possui 53 comunidade, o primeiro passo do projeto foi realizar uma seleção de quais comunidades seriam relevante visitar. Após definirmos quais os destinos, os professores realizaram o resgate histórico da comunidade com os dados disponíveis até aquele momento para nortear as pesquisas dos alunos nos momentos das visitas, produzindo folders – os quais continham a história da comunidade, os potenciais pontos turísticos de cada lugar e assuntos a serem trabalhados nas diversas disciplinas envolvida. Nesta fase os professores se comprometeram em elaborar suas aulas de forma que a cidade pudesse ser nosso laboratório.

Nas saídas de campos até as comunidade buscamos desenvolver entrevistas com antigos moradores, para que os alunos pudessem constatar as mudanças, ouvindo histórias de quem as viveu.

Além de toda a bagagem histórica das saídas de campos tivemos excelentes aulas de biologia, geografia e artes, com atividades e aulas dinâmicas, envolvendo os alunos com os temas trabalhados. Bons exemplos de trabalhos desenvolvidos foram as saídas de campo até a comunidade do Caeté e a Reserva Ecológica Rio das Furnas. Na primeira comunidade tivemos uma verdadeira aula de geografia itinerante; o professor fez com que o motorista realizasse várias paradas e nelas pode explicar aos alunos sobre relevo, paisagem, hidrografia e até mesmo sobre as características da arquitetura da região. Já na segunda visita, os alunos colheram material para a realização de um catálogo com as plantas de nosso município, orientados pela professora de Biologia.

Em cada comunidade que visitamos fomos recebidos por uma família local, que permitia que entrássemos em sua casa e obtivéssemos todas as informações que quiséssemos. Foi bastante interessante poder ter esse contato com pessoas de todas as partes do município e poder perceber as semelhanças e diferenças encontradas em nossa cidade, diferenças essas encontradas nas classes sociais nos costumes e cultura – uma grande parcela de nossa população tem descendência alemã o que cria um grande contraste com pessoas que chegaram aqui após os imigrantes Alemães já estarem instalados.

Após cada saída de campo os alunos realizavam a produção de um diário de bordo, contendo as experiências de cada viagem, ressaltando os pontos positivos e exercitando assim a escrita. A elaboração dos diário de bordo aconteciam em paralelo com as outras atividades, orientados pelas professoras de Língua Portuguesa e Informática. Redigia-se também as entrevistas realizadas nas comunidades e com base nelas e nas experiências vividas na

saída de campo escrevíamos a história da comunidade bem como suas peculiaridades.

Conhecer nossa cidade e nossos antepassados é conhecer um pouco mais de nós mesmos, de nossas raízes. Foi com esse pensamento que iniciamos a segunda etapa do projeto “Conhecendo Alfredo Wagner” onde as vozes esquecidas (ou desconhecidas às gerações mais novas) ressurgiram e completaram o grande quebra-cabeça da composição histórica de nosso município. As pessoas que moraram no Barracão (antigo nome da cidade), seus feitos, suas histórias – nossas histórias, afinal, em cidade pequena, quase todo mundo é primo de todo mundo.

Como já dizia o grande Amós Oz: “A gente vive até o dia em que morre a última pessoa que lembra de nós”. Sendo assim, imortalizamos muitos Alfredenses, resgatando seus feitos para que as futuras gerações possam conhecê-los.

A etapa de seleção das personalidades abordadas foi sendo realizada de acordo com o desenvolvimento do projeto, os nomes surgiam na realização das entrevistas ou os obtínhamos pelo feedback da comunidade, através do blogs – nos comentários sempre surgiam novos nomes de munícipes que queriam ver a história de “tal” pessoa contada pelo nosso projeto. Com os resgates ocorreu um grande envolvimento da comunidade com a escola, pois além das pesquisas e entrevistas realizadas pelos alunos ainda abrimos espaço para a colaboração da comunidade. O material passou a ser divulgado no blog de uma professora bem como no blog da escola e foi uma maneira bastante produtiva de observarmos a linha evolutiva da cidade e de seus habitantes.

No total foram realizados 32 perfis através dos resgates históricos das personalidades históricas e o número de acessos ao blog – para realizar a leitura – ultrapassa os 60 mil acessos ao longo de dois meses – levando em consideração o tamanho de nossa cidade e o baixo número de leitores assíduos é um número bastante expressivo.

Foi neste ponto que ocorreu uma mesclagem entre o projeto “Conhecendo Alfredo Wagner” e o projeto “O mundo encantando da boneca Lelê: leitura e criação” que também vem sendo desenvolvido em nossa escola, onde professores caracterizados de “personalidades históricas” contavam suas histórias, ajudando assim a contar a história de Alfredo Wagner aos alunos das séries iniciais.

A etapa seguinte foi a elaboração de um plano piloto de turismo para a cidade, haja vista a potencialidade da cidade para o turismo rural, diante de tantas belezas naturais. O plano criou pacotes turísticos e formas de tornar o turismo sustentável sem agredir a natureza. Os alunos apresentaram o plano na prefeitura da cidade onde estão sendo estudadas maneiras de viabilizar o projeto. Os alunos através das imagens capturadas nas saídas de campo produziram um vídeo com o intuito de divulgar turisticamente nossa cidade.

O projeto ainda vem sendo desenvolvido e em uma parceria entre a escola e a comunidade. Um livro será lançado no final do ano, contando a história das mais de 30 personalidades alfredenses por meio de seus perfis.

O principal objetivo dessa experiência foi despertar nos alunos o interesse por nossa cidade, levando em consideração que a evolução de uma sociedade

acontece mais amplamente quando compreendemos o contexto social no qual estamos inseridos. Conhecendo nossas possibilidades e necessidades podemos fazer o que realmente necessitamos para que a mudança aconteça. Além de que, com as saídas de campo, tivemos um maior envolvimento com as matérias trabalhadas em sala de aula.

A avaliação destes alunos aconteceu de maneira contínua, observando-se todas as suas dificuldades e seu entusiasmo em realizar um trabalho com um objetivo específico.

VI. PARCEIROS NO PROJETO

- Escola de Educação Básica Silva Jardim
- Secretaria Municipal da Educação
- Secretaria Municipal de Transportes
- Moradores das comunidades (Julita Andersen Hinckel, Leopoldo Schaffer, Cristina Huntemann, Isolde Seemann, Alcíria da Cunha, Ver nome do vô da Elâine)
- Professores: Ana Paula Kretzer, Rosemari de Melo, Charlene da Silva, Reginaldo Silveira, Eliziane Werlich Schimtz e Iliana Gamba).
- Membros da comunidade que escreveram as biografias
- Professor e historiador Juliano Wagner.

VII. ARTICULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O educador é um agente de mudanças ou um agente de reprodução da realidade social. Este deve ser capacitado para sua função de oportunizar situações em que o aluno desenvolva sua capacidade criativa, frente à problemática social, na perspectiva de mudanças.

O presente projeto atendeu aos princípios da educação, principalmente ao que diz respeito a valorização da experiência extraclasse e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Uma aprendizagem significativa pressupõe a aquisição de valores, ressignificação das relações de aprendizagem, contextualização e a interrelação de áreas do conhecimento. Os componentes curriculares, interdisciplinarmente, assumem também o caráter formativo. Sendo assim, o lúdico, a problematização e a dialética perpassam todo o percurso da vida escolar na educação.

Através da relação entre prática-teoria-prática, temos como objetivo garantir que os educandos sejam estimulados a perceber como se utilizam na prática social os conhecimentos que vão produzindo na escola. Temos uma grande preocupação com a aprendizagem de habilidades, conhecimentos práticos, que somente ações concretas podem proporcionar.

Queremos um método que ensine não só a dizer, mas também a fazer, nas várias dimensões da vida humana. A participação coletiva provoca os educandos a vivências e assegura aos mesmos o direito de ter vez e voz no cotidiano educativo.

VIII. CONCLUSÃO

Buscar uma educação de qualidade hoje é pensar em comunidade e escola trabalhando juntas. Ambas desempenham papel importante na formação dos primeiros grupos sociais da vida dos alunos, interferindo no seu desenvolvimento na comunidade. A orientação ao educando precisa estar relacionada às estratégias que irão facilitá-lo a assumir efetivamente os valores humanos com consciência e responsabilidade de mudança da realidade em que está inserido.

Envolver a comunidade na elaboração e revisão das propostas pedagógicas torna-se importante para manter um equilíbrio disciplinar e ético do educando, sendo que a sociedade se encontra em crise ética e moral. Esta parceria permite que a escola cumpra com seu papel social, de modo que todos sejam construtores de conhecimentos e sintam-se parte integrante da instituição.

O objetivo da educação hoje é favorecer uma ligação da família com a aprendizagem e o sucesso escolar do aluno. A escola também deve estar comprometida com a inclusão curricular do ambiente cultural da família e da comunidade.

Podemos afirmar que nos dias atuais faz-se muito importante a interação família/escola e vice-versa. Através desse trabalho em conjunto, que tem como objetivo o desenvolvimento do bem-estar e da aprendizagem do educando, que se concretizará a formação integral do aluno.

IX. BIBLIOGRAFIA

DAYRELL, Juarez T. A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa, Educação em Revista. B.H.(15):21-29. Jun 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 7a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Escola de Educação Básica Silva Jardim.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina. Florianópolis, IOESC, 1991.

SEVERINO, A.J. Filosofia da Educação: Construindo a cidadania. São Paula: FTD, 1994.

Anexos

FOLDERS

Antes de cada saída de campo os alunos recebiam um folder com as principais informações a cerca da comunidade a ser visitada.

Aspectos Geográficos

- ♦ **Clima**
- ♦ **Composição Étnica**
- ♦ **Demografia**



Ciências e Biologia

- ♦ **Vegetação Nativa**
- ♦ **Vegetação Exótica**



"É mais que educação. É evolução."

Projeto Conhecendo Alfredo Wagner
Escola de Educação Básica Silva Jardim

Distrito de Catuíra Antiga Colônia Militar Santa Teresa



Alfredo Wagner, Março de 2012

Itinerário

- ♦ **Igreja**
- ♦ **Casarão**
- ♦ **Obelisco**
- ♦ **Marco do Centenário**
- ♦ **Cemitério**
- ♦ **Praça**

De onde vem o nome Catuíra?

Catuíra na linguagem indígena significa terra do mel. A antiga colônia Militar Santa Teresa passou assim a ser chamada no ano de 1943.

História

A Catuíra completa 159 anos, mas, para falar bem a verdade, a sua história começa bem antes, mais precisamente em 1792, quando foi aberto uma picada ligando a capital da província, Desterro, à Vila de Lages, no Planalto Serrano. Com a estrada aberta, haveria melhores possibilidades de comercialização entre as duas regiões, sendo que do Planalto se levava charque, banha, couro... trazendo do litoral açúcar, farinha de mandioca e outros produtos.

Os tempos foram passando e sentiu-se a necessidade de colonizar a região. Além disso, estavam havendo conflitos entre indígenas e viajantes.

Ciente disso o Imperador Dom Pedro II, através do Decreto 1.255 de 8 de Novembro de 1853, criou a Colônia Militar Santa Teresa.

Os primeiros dezenove soldados, juntamente com o Major Albuquerque e Mello, se estabeleceram em ponto estratégico próximo ao Morro do Trombudo, no lugar até hoje conhecido como "Guarda Velha". O rio daquela região os fez abandonar o local, transferindo-se para as margens do Rio Itajaí do Sul, onde encontraram clima mais quente e terra propícia à agricultura.

Aí, os soldados edificaram uma igreja (1855), que tornaria Catuíra a comunidade católica da Diocese. Em 1859, as crianças da colônia passaram a dispor de escola e, em 1895, foi construída a primeira Igreja Evangélica.

Durante seus 43 anos de existência (1853-1896), a colônia deu segurança e manutenção à estrada e proporcionou a formação de outras colônias, que hoje formam municípios. Com a extinção da colônia em 1896, muitos soldados foram embora, mais outros tantos permaneceram com os imigrantes que, através de seus descendentes nunca deixaram o lugar acabar.

Casarão Histórico



Igreja



TRABALHOS ELABORADOS PELOS ALUNOS

Diário de Bordo



CONHECENDO
ALFREDO WAGNER



Visita ao Distrito de Catuíra

Em virtude do Projeto “Conhecendo Alfredo Wagner”, realizamos no dia 13 de março uma visita à antiga Colônia Militar Santa Teresa. Acompanhada pelos alunos do 2º ano do ensino médio inovador e pelas professoras Eliziane, Angela e Rosemari, nossa visita pelas ruas cheias de histórias foi guiada pelo professor Juliano Norberto Wagner, que mesmo não lecionando neste ano na Silva Jardim aceitou o convite, nos proporcionando uma viagem até os primórdios de nosso município em uma manhã de conhecimento na Catuíra.

Catuíra, uma pacata comunidade da cidade de Alfredo Wagner, “Terra do Mel”, quem diria que teria uma bagagem histórica tão grande. Iniciamos nossa visita no Marco do Centenário, onde conhecemos a história da criação da Colônia Militar. Podemos visualizar, embora de longe, por onde passavam as estradas que faziam a ligação entre Desterro (Floripa) e a cidade de Nossa Senhora dos Prazeres da Lages (Lages), que aliás, naquela época pertencia a São Paulo e o estado do Paraná ainda nem existia. Seu Juliano nos contou também o porquê que, a existência de uma Colônia Militar naquele ponto estratégico era tão importante naquela época e comentou sobre “Guarda Velha”, o primeiro local onde a Colônia tentou se estabelecer e o porquê da desistência do mesmo.

Após a aula de história, seguimos o caminho feito de pedras, pedras estas retiradas de um morro que pode ser avistado dali mesmo. Seguimos até a Igreja e além de mim, boa parte do nosso grupo não a conheciam. A igreja é um grande marco da fé católica, afinal, os Militares vieram para Colônia e menos de um ano depois, já colocaram de pé um local para servir de “A Casa de Deus”. Dentro da Igreja, podemos ver em uma pintura de como era a primeira igreja católica da nossa Arquidiocese. No local onde ela foi construída, no ano de 1855, hoje existe uma nova igreja inaugurada no ano de 1958. Podemos ouvir de Dona Erna, que primeiro as paredes foram erguidas e somente após a cobertura já estar pronta, a antiga igreja foi desmontada.



Nas paredes laterais da igreja, se encontram várias pinturas que formam quase uma linha do tempo, contando a história da comunidade. Iniciamos com a alusão de um encontro pacífico e amistoso com os índios que outrora ocuparam estas terras. Na cena, eles estavam sendo catequisados e pareciam estar felizes com isso. Seu Juliano alertou os alunos contando algumas passagens sobre bugreiros, mostrando que nem sempre os encontros eram pacíficos. Os bugreiros eram contratados pelo governo, para que, pelo fio de sua espada, eliminassem os índios que dificultavam a ocupação dos brancos na região ainda desabitada.



Em outra cena podemos ver a “Guarda Velha” e também um morro coberto de neve. O frio intenso e meses de fortes chuvas foram os principais motivos para que os militares de lá desbandassem, até chegarem a Catuíra, local muito mais amistoso e com mais potencial agrícola.



Entre outras cenas retratadas nas paredes da Igreja vimos uma que particularmente me chamou a atenção. A pintura mostrava a Imperatriz Tereza Cristina (de quem a colônia herdou o nome) presenteando a comunidade com uma Santa, no caso Santa Tereza. O que me chamou a atenção foi essa imagem não mais existir na igreja, segundo Seu Juliano ela teria sido vista por um antigo morador, exposta em um museu no Rio de Janeiro.



Na visita a Igreja, também conhecemos o lado beato de Dona Rosemari, que afoita, queria responder a todas as indagação feitas aos alunos por nosso guia. Tudo bem, ela fez a catequese e sabia responder todas corretamente, parabéns.



Para finalizar subimos até o “Coreto”, onde tivemos uma visão privilegiada da Igreja e ainda podemos ver de perto um Orgão, que existe desde de meados do século XIX. Saindo da igreja, ouvimos mais alguns fatos interessantes sobre a escolha do local da igreja matriz e, a seguir, os alunos tiraram algumas fotos para usarem nas aulas de biologia. Fizemos uma parada para o lanche.

Fizemos uma parada para o lanche.

Comemos no bar do Seu Teobaldo, um senhorzinho simpático, com uma carinha super amistosa e após o lanche, vimos a replica do casarão dos Ibagy, depois seguimos até as suas ruínas. No caminho paramos na APAE e conhecemos o trabalho de algumas professoras, que pode-se ver se dedicam muito para oferecer o melhor aos seus alunos. Saindo de lá, chegamos ao casarão, passando pelo obelisco em comemoração aos 150 anos da comunidade. Segundo a professora Eliziane, a dez anos a casa ainda estava de pé e os alunos de nossa escola, também na realização de um projeto, tiveram o privilégio de conhecer a casa enquanto ela ainda estava inteira. Pode-se notar que a casarão era uma construção imponente para a época e ainda consegue-se ver as pinturas, que enfeitavam cada cômodo.



Tivemos que apressar nosso retorno, devido ao horário de nosso transporte e não pudemos fazer a macabra visita ao cemitério, mas mesmo em frente ao ônibus podemos conhecer algumas histórias de almas que vagam por aquelas paragens!



Retornei a escola eufórica, tamanho o banho de história que tomei logo pela manhã. Os alunos pareceram satisfeitos, assim como os professores que também se encantaram com as explicações do professor Juliano. Este foi apenas o primeiro destino e estou curiosa para saber o que Alfredo Wagner nos reserva!

Visita à Vila de Lomba Alta

Nosso destino essa semana, no desenvolvimento do projeto “Conhecendo Alfredo Wagner” foi a comunidade de Lomba Alta. Antes da visita, realizamos um levantamento histórico e concluímos que: o início da comunidade de Lomba Alta data o ano de 1904, quando alguns tropeiros desviaram do caminho habitual entre o Desterro até a cidade de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, se aproximando do morro do Trombudo (onde existia o marco que separava as províncias de Santa Catarina e São Paulo).



Como a vila ficava no caminho dos tropeiros, ela teve um desenvolvimento bastante considerável atraindo imigrantes e também pessoas de outros locais do estado, inclusive Alfredo Henrique Wagner, que veio de São Pedro de Alcântara e na Lomba Alta estabeleceu residência e trabalhou como sapateiro.



A vila contava com um comércio bastante desenvolvido no século passado: mercearias, fábricas, marcenarias, serrarias, sapatarias, hospedagens, etc. Para promover o lazer jogava-se futebol e existiam raíais para corridas de cavalo. Era costume da vila, no passado, presentear os moços com uma carroça assim que eles completassem a maioridade.

Basicamente a colonização da vila foi feita por alemães.

As primeiras famílias a residirem em Lomba Alta foram Althoff e Freiberg, muitos de seus descendentes ainda vivem na vila.

Em seus 108 anos, Lomba Alta se mostra parte importante da comunidade de Alfredo Wagner, devido ao acervo histórico que lá se encontra e também pela participação ativa na economia do município.

Vamos ao passeio? Saímos da escola às 08h30min e nos encaminhamos até a Pedra Branca, localidade onde a aluna Viviane (responsável pela visita) mora, ela nos aguardava com um café colonial, já em sua mesa.

Saboreamos diversos tipos de bolos e podemos perceber a influencia alemã na culinária alfredense, levando em consideração que bolos como a Cuca (tão típica de nossa cidade) e também algumas “chimias” que compunham o cardápio, chegaram aqui com os imigrantes alemães.

Após o café, voltamos para ônibus e nos dirigimos até a Lomba Alta. Ao chegarmos, fomos direto para o museu. Bom, fica redundante eu falar sobre o museu de arqueologia de Alfredo Wagner, já que existem diversos textos (inclusive no blog da escola) que abordam o tema, então apenas ressaltarei alguns detalhes.

Da última vez que estive lá, no ano passado, também em visita com os alunos, estavam construindo outro prédio para o museu. Agora com ele já concluído, as peças arqueológicas para lá foram transferidas, como o espaço é bem mais amplo e moderno, creio que as peças irão receber ainda mais atenção dos visitantes. A casa do antigo museu (replica da casa onde Alfredo Wagner viveu) passou agora a abrigar apenas peças históricas e muitas fotos, que contam a história de nosso município. Em um dos cômodos, podemos encontrar algumas fotos das expedições realizadas pelo senhor Altair, muitas destas fotos me chamaram a atenção, resalto duas: uma do fóssil de dinossauro, encontrado aqui em nosso município e outra de uma gruta, que lembra aquelas de filmes de aventura, com uma entrada pequena, medindo cerca de 60 centímetros e em seu interior galerias com mais de cinco metros de altura.



Ainda sobre o museu, gostei muito das explicações da senhora Maria Rufina, que esclareceu as dúvidas dos alunos e ainda fez questão de abrir o museu em uma terça-feira, dia em que habitualmente o museu permanece fechado. Eu sempre acho muito bom conversar com pessoas que gostam e entendem mesmo de história e senti isso ao conversar hoje com dona Maria Rufina.



Saindo de lá, fomos até a Gruta do Poço Certo. Não consigo descrever o espanto que tive ao lá chegar, primeiro pela beleza do lugar, aquela gruta cercada por árvores com a cachoeira, caprichosamente colocada ao seu lado. É uma visão maravilhosa. Paisagem digna de filmes. E o segundo motivo de meu espanto foi: COMO EU NUNCA ESTIVE AQUI ANTES? Bem se vê que muitas vezes não damos o devido valor para o que temos em casa. Para chegar até a gruta, descemos por uma trilha, que fica no meio da mata nativa, um caminho encantador, com as folhas caídas das árvores nos servindo como tapete, ar puro, o canto dos pássaros nos fazendo companhia e ao fim da jornada aquele cenário que nem parecia real, mas mesmo sendo assim, eu morando a menos de 30 quilômetros de distancia, não conhecia. Inaceitável.



Assim como eu, os alunos ficaram impressionados com a beleza do local, paramos para tirar algumas fotos, tanto com a cachoeira de fundo, quanto debaixo das rochas. Todos estavam estimulados para seguir a trilha, retornar a estrada e seguir a pé até a Fazenda Campinho. No caminho passamos por uma antiga serraria, que pertencia aos Althoff, que é basicamente o clã que habita a região do Poço Certo.



Nossa caminhada até a Fazenda Campinho foi um pouco maior do que esperávamos, mas lá chegando até esquecemo-nos do cansaço, o lugar é uma graça, acolhedor e cheio de atrativos, fomos recepcionados por dona Eunice, a proprietária do local, que com todos os alunos sentados ao seu redor relembrou os tempos nos quais ela também era professora, contou a eles um pouco sobre a história do local, falou sobre suas árvores nativas que produzem frutos deliciosos e nos indicou alguns passeios que deveríamos realizar antes de voltarmos ao colégio.



Seguindo a sugestão da dona Eunice fomos conhecer o mirante, que fica a uns 500 metros de onde almoçaríamos. Do mirante temos uma visão de 180° em direção ao Morro do Trombudo, dizem que em dias de tempo bom a visão é espetacular e acredito, pois mesmo com o tempo estando fechado e choviscando a visão já foi bastante

compensadora. Retornamos a casa e logo os alunos já estavam descendo de tirolesa e entretidos na sala de jogos. Almoçamos uma deliciosa comida feita em um fogão a lenha, não se ouvia um pio de ninguém durante o almoço, pois certamente estávamos todos com a boca ocupada deliciando-nos com o almoço da Fazenda Campinho. Após o almoço, exploramos a propriedade, que é repleta de belezas naturais e também cheia de detalhes, feitos pela mão do homem que nos chamam a atenção pela beleza.

Os meninos jogaram Bocha e nós fomos conhecer o parquinho, infelizmente, por experiência própria, não aconselho descer o escorregador em dias de chuva, ok!? Para a tarde, tínhamos um passeio por uma trilha até uma cachoeira, porém andamos um bocado e não a encontramos, o jeito foi retornar e o caminho de volta nos cansou um bocado.

Para completar nossa visita até a Lomba Alta, ainda fomos conhecer a Igreja, construída em fins da década de 60. Projetada pelo Engº Altair Wagner, que também é o idealizador dos museus, o projeto da igreja foi doado à comunidade. Antes de retornarmos ao centro, fizemos um lanche e fotografamos algumas árvores do bosque que fica atrás do museu, para que os alunos pudessem usar as imagens nas aulas biologia.

Após a segunda visita do projeto, podemos notar que os alunos continuam bastante entusiasmados, empolgados, envolvidos e já se preparam para pesquisar os histórico e realizar a próxima visita de campo.

Nós, professores, também somos privilegiados podendo adentrar ainda mais profundamente na cultura e história de nosso município, despertando em nossos alunos o mesmo interesse que sentimos despertar em nós mesmos ao perceber o quão rica é nossa terra.



Visita à comunidade do Caeté

Dando sequência ao projeto Conhecendo Alfredo Wagner fomos conhecer a comunidade de Caeté no extremo sul do nosso território.

Uma semana antes da visita começamos a organizá-la. A anfitriã desta vez era a aluna Elaine Schaffer. Diante da falta de material histórico sobre a localidade, convidamos o senhor Osmarino Heinz para vir até a escola conversar conosco. O professor Reginaldo e eu tivemos uma longa e interessantíssima conversa com ele, acerca da história da comunidade e munidos dessas informações, concluímos o folder. Algumas informações:

Os primeiros habitantes do Caeté, assim como do restante do território de Alfredo Wagner foram os índios, presença essa constatada por meio de artefatos indígenas encontrados em abundância na região.

Caeté é uma das comunidades mais Alemãs de nosso município, preservando a cultura e até mesmo o idioma de seus antepassados. Não é raro encontrarmos no Caeté casas em que o alemão é a primeira língua.

Acredita-se que o primeiro morador a se instalar no local hoje conhecido como Caeté tenha sido Jacob Schaffer. De origem alemã, Jacob teria vindo de Invernadinha, localidade de Rancho Queimado. Além de Rancho Queimado, a origem de diversos colonos de Caeté remete a Nova Trento e São João Batista.

Além da comunidade abrigar a mais distante nascente do Rio Itajaí-Açu é também lá que se encontra a Gruta de Nossa Senhora de Fátima, a mais popular do município. Toda sexta-feira Santa o lugar atrai centenas de visitantes, munícipes e filhos de nossa terra, que retomam vindos de diversos locais e ajudam a manter viva a tradição de ir a pé à gruta do Caeté.



Projeto Conhecendo Alfredo Wagner
Escola de Educação Básica Silva Jardim

Comunidade do Caeté



Alfredo Wagner, Abril de 2013

Por meio de nossas pesquisas descobrimos também o porquê do nome Caeté. É uma palavra de origem indígena que significa "mato verdadeiro". Na região se refere a uma planta que produz uma flor branca e que cresce nas margens dos rios. A planta era encontrada com abundância na região.

Finalmente seguimos para o Caeté na manhã de sexta-feira. Como de costume saímos da escola às 8h e seguimos de ônibus escolar, professora Rosemari, professor Reginaldo, os alunos e eu. De dentro do ônibus tivemos uma aula de geografia, ministrada pelo professor Reginaldo, fizemos algumas paradas e os alunos ouviam atentamente enquanto o professor falava sobre relevo, paisagem, hidrografia, vegetação e até mesmo características sobre a arquitetura da região. Vale muito a pena perceber o quanto aulas assim chamam muito mais a atenção dos alunos, pois colocam frente a frente a teoria com a realidade vivida por todos nós.

Avançamos cerca de 15 km Caeté a dentro em nossa sala de aula motorizada e assim chegamos até a casa de Elâine. Fomos muito bem recebidos por seus avós, Edi e Zilma. Mais uma vez nos deliciamos com um café da manhã colonial, que tem o gostinho de nossa terra. Fartarmos-nos à mesa enquanto seu Edi assava um pinhão no fogão à lenha, recolhido a poucos metros da casa.

Após o farto café da manhã, seguimos de ônibus até a casa do senhor Leopoldo Schaffer. Estou até agora encantada com ele. Fomos super bem recebidos, na varanda de sua casa, o entrevistamos e mesmo que nossa visita ao Caeté se resumisse a isso, já teríamos agregado um conhecimento inestimável por meio das histórias que ouvimos dele.

Após o farto café da manhã, seguimos de ônibus até a casa do senhor Leopoldo Schaffer. Estou até agora encantada com ele. Fomos super bem recebidos, na varanda de sua casa, o entrevistamos e mesmo que nossa visita ao Caeté se resumisse a isso, já teríamos agregado um conhecimento inestimável por meio das histórias que ouvimos dele.



O senhor Leopoldo nos contou de seus tempos de criança, de como a vida era mais difícil e também de como os invernos eram mais rigorosos no passado. [Confira aqui a entrevista na íntegra](#). Após nos conceder a entrevista, mesmo diante de seus 81 anos e de sofrer de bronquite que vez ou outra lhe tirava o ar, ele nos acompanhou até um pasto e nos mostrou a taipa construída pelos primeiros moradores do Caeté. Nos despedimos do senhor Leopoldo e só ao final percebemos que nossa visita rápida tinha durado mais de uma hora e meia, tempo esse que nem vimos passar em função do quanto nos cativou a conversa com o simpático morador do Caeté.



Seguimos a pé até a casa da Elaine para uma nova degustação das maravilhas gastronômicas do Caeté. Nosso transporte e o professor e também guia, Reginaldo, já haviam retornado para a escola. Durante todo o caminho pudemos observar o Monte Lajeado, que com 1.752 metros é a maior montanha do município. Ao chegarmos, seu Edi,



como perfeito anfitrião que é, encilhou o cavalo e enquanto alguns o montavam, ele ia contando histórias sobre a colonização e nos mostrando objetos antigos, que ele usava na lida de campo e também que ele havia encontrado, como uma peça provavelmente utilizada por índios para afiar objetos, uma madeira fossilizada que está exposta no quintal e um antigo pilão.

O almoço dispensa comentário, pois além de estar uma delícia, ainda nos impressionou com a variedade de pratos, caprichosamente preparados para nós por dona Zilma.

Após o almoço ajudamos dona Zilma a organizar a cozinha e nos preparamos para ir até a cachoeira que fica próximo ao terreno. Seu Edi nos guiou. Existem duas cachoeiras próximas à casa de Elaine e, devido a nossa disponibilidade de tempo, poderíamos ir somente até a menor delas. O caminho é tortuoso, cheio de rochas, árvores, cercas e lamaçais, mas ao chegamos à cachoeira soubemos que nosso esforço havia valido a pena. É um lugar maravilhoso, com a água formando um véu sobre as rochas, descendo seu trilho, formado a centenas de anos. Lindo! Tiramos algumas fotos e retornamos, os alunos aproveitaram o momento para recolher algumas frutas silvestres e fotografar alguns representantes da fauna local que cruzaram nosso caminho.

Voltamos à casa dos Schaffer para nos despedir e agradecer, atravessamos a ponte e, após breve desentendimento com o horário do transporte, seguimos até a Gruta do Caeté. De lá, retornamos para a escola, com a bagagem cheia de conhecimento e cultura.

Visita à São Leonardo

São Leonardo tem uma história riquíssima e o povo é conhecido por conservar sua cultura e valorizar seu passado.

São Leonardo, antigamente chamado pelo nome de “Quebra-Dentes”, esta localizada no fundo de um vale onde havia a presença de índios. O registro da existência desses povos é evidenciado nas pontas de flechas, machadinhas de pedra e outros instrumentos encontrados no local.



Fundada e mantida pelo professor Leonardo Harger, na escola da comunidade havia uma biblioteca com mais de dois mil exemplares de livros. Os alunos elaboravam mensalmente um jornal chamando *O Colibri* que era escrito à mão e apresentava notícias da comunidade e do Barracão.

Projeto Conhecendo Alfredo Wagner
Escola de Educação Básica Silva Jardim

Na Vila Quebra-Dentes e região existia hotel, armazéns, atafonas para fazer farinha de milho, engenho de farinha, galpão de pouso para tropeiros e pastagens para animais como gado e mulas, enfim, contava com um comércio completo e ainda a primeira rodoviária e o primeiro cartório do município. O aumento do transporte de madeira enriqueceu ainda mais o comércio da região e surgiram algumas fábricas como de montagem de rádio, pequena fábrica de sandálias e chinelos e fábrica de móveis.

Distrito de São Leonardo
“Quebra-Dentes”



As fontes de energia para as pequenas fábricas, residências, engenho, serrarias e atafonas eram as rodas da água, o que-rosene, a gasolina ou o óleo. No entanto, a falta de energia elétrica tornava o processo das fábricas muito difícil e as impedia de concorrer com outras indústrias. Assim, aos poucos, os proprietários foram se desfazendo de seus empreendimentos ou transferindo-se para locais que já contavam com a energia elétrica.

Alfredo Wagner, Abril de 2013

A tardia instalação da rede de energia elétrica provocou o primeiro declínio na dinâmica socioeconômica da Vila de São Leonardo. Posteriormente, o traçado da BR-282 distanciou-se do centro da comunidade, algo que novamente prejudicou a economia do lugar.

O nome Quebra-Dentes se originou diante das dificuldades que as mulas dos tropeiros encontravam para subir os aclives do caminho. Escorregando e batendo com a queixada no solo, "quebrando os dentes". Já o nome São Leonardo é uma homenagem ao senhor Leonardo Harger, primeiro professor da comunidade.

Seguimos na manhã da segunda-feira, dia 08, ao leste do município. Ao chegarmos fomos recebidos por Isolde Seemann, uma das coordenadoras do grupo de dança da comunidade, dona da fábrica de doces e também alguém que participa ativamente do desenvolvimento turístico da região. Assim que chegamos fomos conhecer o depósito de água da comunidade. A água é de uma nascente que fica próximo ao local e o tratamento é realizado por meio do caxambu. (um método utilizado para purificar a água.). Em seguida visitamos a antiga escola da comunidade, que hoje não está mais em funcionamento, mas ainda abriga livros e um pouco de sua história.

Nosso dia estava apenas começando e seguimos até o topo da cachoeira do Rio Araçá. A caminhada é longa e bastante cansativa, pois para se chegar lá temos que percorrer cerca de 2 km de subida. Demoramos cerca de 40 minutos para chegar até a cachoeira. A vista lá de cima é maravilhosa, pudemos contemplar a natureza exuberante da região e observar outras quedas d'água que ficam nas proximidades. Para nos revigorar tomamos água direto da nascente, pura e fresca. As quedas vistas do alto da cachoeira formam o Rio Araçá e também o Rio da Furnas, que são os dois rios que passam pela comunidade.

Voltamos para a vila e ainda chegamos a tempo da apresentação do grupo de dança Zähne Brechen (quebra dentes em alemão). O grupo de dança alemão já existe há alguns anos na comunidade e todos os anos recebe centenas de turistas que visitam a comunidade. Além de prestigiarmos a apresentação nossos alunos ainda foram convidados a dançar e se divertir com o grupo.



Visitamos também a Gruta de Nossa Senhora de Fátima, popularmente conhecida como a gruta de São Leonardo, que é importantíssima para a comunidade. É possível perceber isso pelo zelo que os moradores têm por ela. A gruta fica ao lado de uma queda d'água em meio à natureza e na frente fica um belo jardim. Em 2004 ocorreu seu Jubileu de Ouro (a gruta foi construída no ano de 1954). Da gruta fomos até a igreja, onde apreciamos a arquitetura e alguns objetos antigos. Retornamos até a sede do grupo de dança para almoçar.



Após o almoço, enquanto aguardávamos o ônibus que nos levaria ao próximo destino, assistimos ao *DVD – Resgate histórico da comunidade de São Leonardo*. O DVD conta a história da comunidade por meio de fotos, entrevistas e imagens do local no presente. Um dos entrevistados é o senhor Renato Harger, filho do professor Leonardo Harger. O senhor Renato foi quem apresentou o projeto de lei para mudança de nome da comunidade quando foi vereador. Ele é um filho ilustre da comunidade e já até escreveu um livro sobre a história do local. O livro se chama *O velhinho de Barba Branca*. Na entrevista ele também conta sobre o sonho que lhe mostrou o lugar para a construção da Gruta de Nossa Senhora de Fátima.

Assim que o ônibus chegou seguimos até a Fazenda São Leonardo, um verdadeiro paraíso. O proprietário, senhor Hernandez, nos permitiu conhecer a fazenda. Conhecemos a sede e ficamos encantados pelo estilo da casa, cheio de livros e objetos rústicos. Na fazenda se criavam ovelhas, mas devido aos frequentes ataques sofridos por Leões Baios que devoravam o rebanho, senhor Hernandez resolveu investir na criação de gado, que por ser um animal de maior porte sofre menos ataques. Lá existe também uma plantação de caquis. Cada aluno pôde entrar no pomar e apanhar alguns caquis para trazer para casa. Uma delícia poder comer as frutas recém-retiradas dos pés!

Para encerrar a viagem fomos conhecer uma plantação conhecida pela qualidade de seus produtos. A Fazenda das Hortênsias fica quase na divisa de Alfredo Wagner com Rancho Queimado. Lá são produzidos kiwis, caquis e ameixas, todos eles sem uso de agrotóxicos e com selo de qualidade. Falamos com o proprietário e ele nos contou um pouco sobre o destino da produção.

Sem dúvidas foi uma das viagens mais proveitosas do projeto até agora, retornamos a escola muito cansados mas cheios de conhecimento.

Visita á Reserva Rio das Furnas

No dia 15 de abril nosso destino foi a Reserva Ecológica Rio das Furnas. A Reserva está inserida em um canyon no Alto da Boa Vista, em Alfredo Wagner. Faz parte do divisor de águas mais importante do estado de Santa Catarina, área de tangência entre as bacias dos rios Tijucas, Cubatão, Tubarão e Itajai-açu.

Fomos recebidos pelos proprietários da Reserva Particular do Patrimônio Natura (RPPN), Renato Rizzaro e Gabriela Giovanka. Nos sentimos como se estivéssemos em um refúgio, uma área em que a natureza se renova e nos mostra toda sua exuberância.

A reserva fica na comunidade de São Leonardo. Fomos até lá de transporte escolar, generosamente cedido pela Secretaria Municipal de Educação, assim como em todas as outras viagens do projeto. Deixamos o veículo na ultima casa da comunidade e seguimos a pé. Foram 3 km de uma extenuante caminhada em meio a uma mata que à medida que avançávamos podíamos perceber seu renascimento.

Renato nos encontrou logo na entrada da Reserva, andamos mais alguns metros e logo já avistamos a casa centenária. Construída a partir da madeira de três araucárias cortadas a mão e trazidas até o fundo da escarpa no lombo de mulas, a casa foi erguida por um dos antigos donos. Lá renovamos nossas energias com a água incrivelmente fresca da Reserva.

Tivemos uma proveitosa conversa com os proprietários que nos contaram um pouco sobre a paixão pela vida simples, o contato com a natureza e sobre suas continuas formações. Quando eles compraram a reserva, boa parte dela era pastagem para o gado. A terra, assim como a mata estavam extremamente destruídas pelo desmatamento, por queimadas e pelo pisoteio do gado. O trabalho de regeneração já dura 13 anos, tempo que o casal se dedica a Reserva, e, apesar de ser um tempo geológico relativamente pequeno, os sinais dessa maior atenção e desse maior cuidado dados à natureza já é visível.



Na local existem 7 cachoeiras e 237 espécies de aves já identificadas, além de contar com diversas espécies de mamíferos já fotografados pelo sistema de câmeras, que fotografa por meio de sensores de movimento. Entre os animais que já posaram para as fotos está até mesmo um puma. No relato sobre a viagem até a comunidade de São Leonardo falamos sobre os frequentes ataques que o rebanho de ovelhas da Fazenda São Leonardo sofria pelos pumas.

Gabriela nos alertou de que pumas conadores e leões-baios necessitam de uma grande área para sobreviver. Os ataques acontecem devido a crescente destruição dos habitats e, conseqüentemente, da diminuição da disponibilidade de alimentos. É por isso que às vezes os pumas atacam pequenos animais domésticos como ovelhas e bezerros e, são frequentemente perseguidos por fazendeiros, situação essa em que o proprietário da Fazenda São Leonardo não se enquadra. Ainda assim é comum ouvirmos histórias e até mesmo vermos fotos de "leões" mortos por fazendeiros aqui em nosso município, principalmente na Serra da Santa Bárbara e na Região do Campo dos Padres".

Após a conversa fomos convidados para uma agradável caminhada pelo bosque, porém nosso tempo era demasiadamente curto e estávamos atrasados. Apesar disso ainda pudemos conhecer um pouco mais sobre a vegetação da Reserva. Vimos uma árvore de imbuia e Renato nos convidou a ficar em círculo, nos fazendo imaginar como aquela árvore se tornará imponente daqui a centenas de anos e isso nos faz refletir em como a natureza é algo tão forte e frágil ao mesmo tempo.

Na volta paramos em frente à casa para a nossa já tradicional foto do passeio. Os alunos estavam encantados, assim como os professores e não queriam vir embora, pediram para ficar e comer apenas o pequeno lanche que tinham levado, apenas para poder desfrutar por mais algum tempo daquele belo lugar, mas infelizmente não pudemos ficar.



Antes de realizar o passeio tínhamos assistido o programa especial sobre a Reserva Ecológica Rio das Furnas do Terra da Gente e a frase que havia nos chamado atenção “Produzimos sombra e água fresca” se mostrou verdadeira.

Produzindo sombra e água fresca eles resgataram um verdadeiro paraíso dentro de nossa cidade, aquele é um lugar que é um retrato de nossa Alfredo Wagner; belas paisagens, relevo e biodiversidade riquíssimos...

Resgate histórico Arnópolis - Barra da Jararaca

Arnópolis localiza-se ao norte do município de Alfredo Wagner. Hoje é uma pequena comunidade; diferente do importante e promissor distrito que já foi em tempos de outrora. No lugar existiam muitas casas, cartório, mercado, clube, bares, uma bonita pracinha e desde a década de 20 a comunidade da Barra da Jararaca contava com serviço telefônico... era também onde ficava a Sociedade Colonizadora Catarinense S.A, criada em 1917 tendo como beneficiários o Coronel Carlos Napoleão Poeta e José Domingos Pagioli. Hoje o local simplesmente desapareceu mas ainda está na memória de muitos Alfredenses.



Segundo relatos os moradores mais antigos desta comunidade foram: Benjamim Frederico Andersen, Alberto Probst e Villy Schwmacher.

O principal motivo da decadência de Arnópolis foi a construção da barragem de Ituporanga. Os moradores tiveram que se retirar de suas terras e foram indenizados por isso. Este processo iniciou-se em 1968 e perdurou até 1978.



A barragem foi criada para tentar deter ou diminuir as inundações frequentes no Vale do Itajaí. As famílias de Arnópolis foram afetadas diretamente e suas terras tomadas pela água. Nessa época, a população de Alfredo Wagner era de cerca de 12 mil habitantes e deve-se à construção da Barragem, um declínio considerável nesta população. As pessoas da região afetada migraram principalmente para a região de Blumenau, Rio do Sul e Alfredo Wagner. Famílias como os Andersen, Hinckel, Schmitz, Mazzini e os Silva se mudaram para o centro nessa época.

Um fato Irônico... Se indenizavam até árvores frutíferas das propriedades rurais, e como era uma quantia boa em dinheiro por árvore os proprietários ao serem indenizados arrancavam as árvores e plantavam novamente nos terrenos que ainda não haviam recebido indenização com o intuito de ganhar mais uma vez com aquela mesma planta.'

Visita ao Rio Engano

Conforme constatamos Rio Engano foi outra comunidade diretamente atingida pela construção da Barragem. O transporte mais uma vez foi generosamente fornecido pela Secretaria Municipal da Educação e desta vez ainda ganhamos um bônus, Isaias, o motorista que viveu no Rio Engano toda sua infância e juventude. Nessa viagem ele foi o nosso guia.

Como de costume realizamos um resgate histórico da comunidade e para isso contamos com a valiosa ajuda de Juliano Wagner, um dos maiores conhecedores sobre a rica história de nosso município. Guiados por Isaias fomos até o terreno onde ficava a igreja. Ainda é possível encontrar lá as pedras do fundamento da construção. Incrível como todos que falam da antiga igreja sempre se referem a ela com muito carinho e saudosismo. Nosso guia Isaias voltou no tempo nos contando sobre as festas de igreja que havia frequentado quando criança. Os mortos foram retirados do antigo cemitério e enterrados novamente no novo cemitério. O próprio Isaias ajudou no deslocamento do corpo de seu pai quando houve essa mudança. Ele comenta que nem todos os mortos foram trocados de lugar, pois como esse serviço ficou a cargo dos familiares e muitos dos enterrados já não tinham mais parentes na região, estes, acabaram ficando ali mesmo. Hoje no local resta apenas um túmulo e alguns amontoados de entulhos, formados pelas antigas catacumbas.

Após o passeio seguimos para a casa de Dona Cristina. Fomos recepcionados com um largo sorriso em seu rosto. Professora Paula, Giovana – aluna responsável por essa comunidade – e eu, havíamos conhecido nossa anfitriã há algumas semanas, quando estávamos organizando o passeio e a visitamos para perguntar se ela receberia os alunos do Projeto Conhecendo Alfredo Wagner. Quando falamos que ela estava ainda mais forte do que da última vez que a tínhamos visto ela disse: **“É, de um mal eu me livrei. Sabem de qual? O mal de morrer jovem”**. Espirituosa foi logo nos convidando para entrar e



em casa ela nos concedeu um entrevista.

Já fora da casa que abriga tanta história fomos conhecer a propriedade. Nilton, seu filho nos mostrou como o engenho funciona, e nos convidou para uma nova visita na época em que ele estivesse moendo a cana, para fazer melado e açúcar. Mesmo sem cana Nilton colocou o cavalo para tocar a roda e nos mostrou como acontece o procedimento. A professora Ana Paula e o cavalo nos proporcionaram algumas cenas engraçadas, primeiro o animal a fez correr em círculos e depois demonstrou todo seu amor por ela. Rsrsrc

Dona Cristina nos mostrou seus animais, a antiga atafo-na e suas plantas, inclusive um pé de catuto, não conhecido por muitos. Para completar a visita ainda fomos convidados a comer algumas bolachas caseiras que ela havia feito especialmente para nossa turma. Uma delícia, que fez muitos lembrarem dos tempos de infância na casa de suas avós.

Despedimos-nos e seguimos até a cachoeira a cerca de 3 km de caminhada. Chegamos até uma belíssima queda d'água, e às suas margens realizamos nosso piquenique. Conversamos sobre a origem da palavra (pique-nique) e gastamos nosso vocabulário francês, que não era formado por mais de 3 ou 4 frases, rimos bastante, terminamos nossa refeição e fomos fazer nossa sessão de fotos. Todos ficaram impressionados com a beleza da cachoeira e também pelo relevo do local, mas tínhamos que "levantar acampamento" e ir até o ponto onde reencontraríamos nosso transporte e também nosso guia. Fomos caminhando, margeando o Rio, onde pudemos ver algumas casas que retratam bem o estilo do povo que colonizou a região, muitas em estilo enxaimel e outra que só precisavam ter um moinho de vento ao lado para que nos sentíssemos na Holanda. Foi uma caminhada bastante longa - regada a frutas colhida das árvores próximas da estrada - e observada atentamente por alguns moradores que se deparavam com nossa pequena comitiva, e não entendiam o que estávamos fazendo perdidos por aquelas bandas, a pé.



No caminho passamos por um local bastante conhecido pelos moradores daquela região. Em 1983 ocorreu um grande deslizamento de terra, soterrando casas, animais, máquinas agrícolas e mudando completamente a paisagem do local. Felizmente o acidente não deixou vítimas fatais, mas serviu para alertar sobre a força da natureza e que sempre devemos viver em harmonia com ela.



Quase chegando ao asfalto reencontramos nosso meio de transporte. Estávamos por conta de Isaias e ele nos surpreendeu com o roteiro proposto. Fomos conhecer o Passo da Limeira. O local é quase sempre lembrado por ser a localização da maior escola municipal de Alfredo Wagner, mas por lá encontramos bem mais do que isso. Primeiro paramos em uma pamonharia, um lugar com uma vista maravilhosa, com uma arquitetura rustica e com alguns objetos antigos expostos. Entre esses objetivos havia um dos principais meios de transporte de nosso município no século passado, a aranha, que também é conhecida como charrete. Ouvimos falar muito nesse meio de transporte sempre que entrevistamos alguém mais idoso. Lá pudemos conhecer a aranha de perto e, além dela, a carroça ou carroção utilizada para todos os tipos de transportes na antiga Barração.



De lá seguimos até uma pousada que também fica no Passo da Limeira e nos deparamos com um dos cenários mais lindos que já encontramos em nossas viagens de campo pelo município. Fomos guiados por Marco Antonio (filho dos donos da pousada), por uma trilha até a cachoeira da propriedade. A trilha exige muito preparo físico e tira nosso flego não só pelo esforço, mas também pelas belas paisagens. Com a trilha sonora de John Towner Williams, no melhor estilo Indiana Jones, percorremos a trilha e ao chegamos até a cachoeira, o cenário era digno de algum filme de aventura. Uma imensa queda água, cercada por rochas que no passado serviam de abrigo para os índios. Espetacular. Quando o vento batia, algumas gotículas de água chegavam até nós, refrescando, revigorando e nos deixando completamente extasiados diante da beleza do lugar. Ficamos ali por alguns minutos, mas como sempre dependemos do relógio tivemos que voltar.

A volta foi um capítulo a parte, Marcos Gabriel, Giovana, professora Ana Paula e eu ficamos para trás, e constatamos que tanto o senso de orientação de Giovana ou o Laparcur de mata do Marcos Gabriel não são bons. Rimos muito e no final quase já não tínhamos mais forças para terminar o trajeto.

Levantamento histórico Santa Bárbara

Para realizar o levantamento histórico da comunidade da Santa Bárbara contamos com a ajuda da Senhora Erondina de Souza Mariotti, que foi professora da comunidade durante 36 anos – iniciando no ano de 1956 . Dona Erondina tem como hobby escrever e tem um vasto acervo de “livros” – como ela chama os cadernos onde escreve as histórias – contando sobre sua vida, sobre religião e sobre sua querida comunidade a Santa Bárbara. Ela compartilhou conosco o caderno onde contava minuciosamente a história de sua comunidade, e você confere agora um apanhado geral dos pontos mais pertinentes da história.

Segundo Erondina, o primeiro morador de Santa Bárbara foi seu avô, Domingos Manoel Farias, que, em julho de 1917, saiu de Biguaçu rumo ao Barracão. Pelo caminho pegou carona em uma carreta e também andou no lombo de uma mula, cedida por um tropeiro, porém a maior parte do caminho ele fez a pé, cortando a mata - que em alguns pontos ainda era virgem. Domingos seguiu viagem até um barracão, um rancho feito de madeira bruta, coberto com folhas de coqueiros e capim. Ao chegar se informou sobre o local com dois moradores conhecidos do Barracão, senhor Conrato e senhor Dôia. Domingos tinha interesse em saber onde ficava o Campo dos Padres e se informou com os senhores. Seguindo as instruções, ele foi margeando o rio Caeté até certo ponto, depois tomando outro caminho até chegar em um chapadão. Ele foi abrindo a picada até chegar em uma lagoa natural, a qual ele deu o nome de Lagoa dos Bugres e escolheu o local para estabelecer residência. Retornou até Biguaçu e depois voltou com a família, contruindo sua casa próximo à lagoa.

Em 1920, Norberto Ventura chegou até a comunidade. Em 1921, o casal José Porcina e Manoel Amancio também se estabeleceu por lá e, no ano de 1925, chegou a família Cechetto, liderados pela matriarca, Dona Maria, que tinha como característica a religiosidade. Após ter perdido o marido de forma trágica – o homem caiu dentro de um taço com água fervendo - ela resolveu deixar Orleans, e como tinha gostado muito das terras da região, resolveu comprá-las e se mudar com todos os filhos e um genro.

O tempo ia passando e a comunidade crescia a olhos vistos. Algumas das mais tradicionais famílias de Alfredo Wagner se estabeleceram, a princípio, na Santa Bárbara, como foi o caso de Mateus Mariotti e David Dorigon, patriarcas dessas famílias. Além dessas, muitas outras famílias se estabeleceram em Santa Bárbara nesse início de colonização, entre elas os Stopassolli, Bombazar, Galvani, Heiderscheidt e os Schuster. A maioria dos colonos que na localidade se estabeleceram tinham origem Italiana.

A comunidade começou a se organizar. A religião sempre foi um ponto de união entre os moradores. Uma igrejainha foi construída. A madeira foi serrada a mão e construída pelo pessoal que ali morava. A primeira missa da comunidade foi celebrada na casa de Dona Maria Cechetto, no ano de 1926, pois a igreja ainda não estava pronta. A missa foi realizada por um padre chamado Gabriel, que atendia a capela de Bom Jesus, no Barracão.

No ano de 1927, a igreja ficou pronta e, devido à comunidade se situar em um local alto, o Padre Gabriel sugeriu que a Padroeira fosse Santa Bárbara. A comunidade é conhecida até hoje por esse nome. Nas missas, a família Cechetto cantava em Italiano e, sempre que a celebração acabava, o povo se reunia para dançar em frente à igreja, onde existiam algumas lajes de pedra. O local era chamado de Lajeado. A imagem para a igreja veio do Rio de Janeiro e demorou mais de dois anos para chegar até a comunidade, chegando com as pontas dos dedos quebrados – essa imagem foi restaurada apenas no ano de 2003. Do Rio de Janeiro também veio um sino, para uma igreja que foi construída posteriormente. O sino foi gentilmente doado a igreja pelo senhor Bépi, personagem marcante da comunidade.

No ano de 1928 o primeiro engenho de mandioca foi construído na comunidade. O proprietário foi o pioneiro na colonização da região, senhor Domingos. Na época, a alimentação na localidade se baseava no milho, pão e polenta. Isso era o básico nas casas – herança da cultura italiana.

Na década de 30, algumas famílias negras chegaram à localidade. Essas famílias passaram a trabalhar como camaradas para os colonos que ali moravam e precisavam de mão de obra para fazer suas roças. Elas se estabeleceram às margens do Arroio do Leão. Quando ocorria alguma festa, existia um baile separado para os brancos na casa principal e música em um paiol para que os negros pudessem dançar. Brancos e negros não se misturavam em festas na antiga Santa Bárbara.

Foi na década de 30 também que a primeira estrada foi aberta até o Barracão. A estrada existe até hoje e passa pelo Arroio do Leão. Era usada para que os carros de boi pudessem passar, facilitando (possibilitando) a ida e vinda de mercadorias até o Barracão.

Entre os anos de 1934 e 1938, Santo Antônio andou solto pela jovem comunidade. Muitos casamentos ocorreram durante esses anos, inclusive o casamento dos pais de Dona Erondina. Naquela época, os casamentos ocorriam primeiramente no civil. Casar na igreja somente acontecia no batismo do primeiro filho. Nas bodas de casamento sempre acontecia uma grande festa, envolvendo toda a comunidade. Se a noiva já casasse “redondinha” – grávida – certamente seria motivo de falatório. O povo da Santa Bárbara sempre gostou de muita dança e sempre que tinha oportunidade se reunia para festejar. O galpão onde as festas aconteciam era de chão batido e a poeira levantava à medida

em que o pessoal arrastava o pé. Nessas festas se tomava uma bebida chamada concertada, que era uma mistura de água, cachaça, açúcar grosso, folhas de louro, cravo e canela. Os ingredientes eram fervidos, coados e depois fervidos novamente. Somente alguns anos depois as bebidas engarrafadas passaram a serem consumidas, sendo elas fabricadas em Rancho Queimado, na fábrica do Leonardo Sell.

O povo da Santa Bárbara sempre foi um povo trabalhador. Na região, se plantava muito feijão, batatinha e milho. As mesas eram fartas e tudo era produzido nas propriedades.

A primeira escola foi construída no ano de 1945. A construção da escola era a realização de um sonho para muitos dos moradores. Alguns até pagavam a estadia dos filhos em casas de localidades com escola para que eles pudessem estudar. Quem não tinha condições permanecia analfabeto, embora conhecessem os números e soubessem fazer contas. Muitos homens se reuniram para levantar a escola. Os materiais foram adquiridos através de doações. A senhorita Maria de Lourdes Schlemper foi a primeira professora, sendo matriculados 58 alunos logo no primeiro dia de aula. Até hoje ela é lembrada por ter sido uma boa professora.

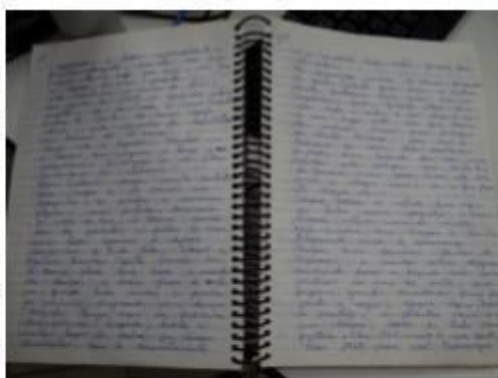
Na cultura do povo da Santa Bárbara existiam dois “eventos” bastante importantes e frequentes, além da festa em honra à padroeira, Santa Bárbara, que ocorria no dia 4 de Dezembro. Era a surpresa e o pichurum.

O pichurum acontecia quando os homens se reuniam e derrubavam uma capoeira ou faziam uma grande roça. Como pagamento, a pessoa que recebia os serviços deveria oferecer um baile, com gaitero e tudo mais. Vinha gente de outras comunidades pra ajudar, trabalhavam felizes esperando anoitecer para se divertirem. Muitos namoros começavam em bailes de pichurum. Na “surpresa”, convidavam toda a vizinhança em sigilo, quem iria receber a surpresa, como o próprio nome já sugere, não poderia saber. No sábado, por volta das nove horas, todos chegavam em frente à casa e dois homens batiam na porta. Vinham abrir, e eles entravam no quarto, pegavam o dono da casa e traziam para a sala; abriam a porta, a gaita já tocava e a festa começava. Um porco gordo – ou galinhas – já era apanhado no chiqueiro, carneado e sua carne comida com pão, trazido pelos organizadores da surpresa. Dona Erondina, em seus relatos, conta que todos aguardavam ansiosos por pichuruns ou surpresas.

A energia elétrica só chegou até a comunidade no ano de 1982. Até então, tudo era feito com a ajuda de lampiões a querosene.

De 1992 a 1998, trinta e uma famílias deixaram a comunidade e segundo, dona Erondina, por causa do plano Real que, a princípio, dificultou muito a vida dos pequenos agricultores.

Assim constituiu-se a comunidade de Santa Bárbara. Desde as primeiras machadadas de Domingos Farias, o pioneiro, passaram-se 96 anos. Apesar de ter sofrido com o êxodo rural, na década de 90, a localidade caminha firme, esbanjando agricultura pujante, povo simpático e trabalhador, destaque nos desportos – Santa Bárbara sempre teve exímios jogadores de futebol. A beleza cênica que circunda a vila é deslumbrante: de um lado, o Morro Redondo, com seu formato cônico; de outro, o esplendor da Serra Geral, representado pela Serra do Camelo e pela Serra dos Dorigon; ao norte, os vales do Arroio do Leão, Rio Caeté e, mais além, do caudaloso Rio Itajaí.



A comunidade é pacata. Seus membros passam a semana na lavoura e, nos fins de semana, divertem-se com partidas de futebol, tropeadas, bate-papo no boteco do Olíbio, vão a festas de igreja noutras comunidades... Certamente muito em breve Santa Bárbara será descoberta e apreciada por turistas, que certamente se fascinarão com as esplêndidas obras da natureza: cachoeiras, fojes, cavernas, montanhas, o frio do inverno...

E assim Santa Bárbara vive: orgulhosa de ser uma das regiões mais belas de Alfredo Wagner, dona de um rico passado, aproveitando o tempo presente e esperançosa no futuro.

Entrevista com Leopoldo Schaffer

Nascido na comunidade do Caeté e tendo vivido ali durante seus 81 anos – **“Eu nasci aqui e tô por aqui”**. Seu Leopoldo Schaffer nos recebe em sua casa para uma conversa sobre as riquezas de sua comunidade. Relembramos o passado e conhecemos um pouco mais sobre o Caeté.



Segundo o senhor Leopoldo os pioneiros na ocupação do Caeté foram três jovens, vindos de Angelina, que se chamavam Bernardinho Branger, Jacob Neuhaus e Frederico Neuhaus, ele conta com entusiasmo sobre onde eles estabeleceram moradia e que os vestígios ainda podem ser encontrados em sua propriedade, pois uma taipa construída pela família de um deles, ainda ali permanece resistindo ao tempo. O que também resiste ao tempo são suas lembranças. Tanto de tempos de guerra quanto de sua infância. Ele lembra das histórias contadas por seu pai sobre os tempos de guerra. Após a derrota da Alemanha, imigrantes eram “xaropeados” com óleo diesel em todos os lugares, até mesmo em Alfredo Wagner. Da infância ele lembra de quando estava nas plantações de milho com o irmão e ambos ficavam batendo em uma lata para espantar os chupins que teimavam em comer o trigo. **“Trigo era um luxo, pão de trigo só no Natal”**.



Ele lembra de tempos do passado, quando a vida era muito mais difícil e os invernos eram muito mais rigorosos – **“Hoje não dá mais inverno”**. Falou-nos sobre as grandes nevascas que caíram sobre a região e de como era bonito ver a neve caindo feito pedacinhos de papel. Segundo seu Leopoldo/segundo Schaffer, uma nevasca que aconteceu na década de 1950, chegou mesmo até a derrubar os galhos de alguns pinheiros devido ao grande peso que a neve acumulava.

alemães tem relação com o nome de profissões. Por exemplo: May – quem trabalha com laticínios; Schäfer – pastor de ovelhas; Schmitz – ferreiro e Zimmermann – carpinteiro.

“Vocês não sabem o que a gente passou”. Assim seu Leopoldo alerta os alunos para que valorizem seu passado, pois muito já foi feito pelas mãos de bravos imigrantes que trabalharam para colonizar nossa terra. Ele lamenta a falta de interesse da juventude em manter o idioma alemão presente em suas vidas, mas fica feliz em poder participar do projeto e em conversar com nossos alunos, tendo assim a oportunidade de deixar uma parte desse passado registrado em nossos cadernos”.



Entrevista com Julita Hinckel

Conversando com Julita Andersen Hinckel conhecemos um pouco sobre como era a vida na antiga comunidade da Barra da Jararaca, hoje Arnópolis. Ela falou sobre as dificuldades, mas também relembrou com saudades da época em que nos finais de semana todos se reuniam para torneios de peteca.

Dona Julita nasceu na Barra da Jararaca e tem uma árvore genealógica bastante miscigenada: **“Meu avô paterno veio da Dinamarca, a avó paterna da Argentina, apenas minhas avó materna nasceu no Brasil, pois meu avô materno veio da Itália”**. Foi em meio a essa diversidade de culturas que ela cresceu. Conta que sempre foi uma aluna dedicada e que após terminar a quarta série – só existia ensino primário na região naquele tempo – ela chorou muito e então dona Petroncia, sua madrinha e professora na época a deixou continuar frequentando as aulas como ajudante, e isso fez até os 14 anos.

Falou também como era a comunidade, ressaltou a beleza da pracinha e *nos disse que na vila havia mais de trinta casas. Ela nos conta que para vir da Barra da Jararaca até o Barracão eram necessárias 3 horas para vir e outras 3 horas para voltar: “Para vir até o Barracão ia um dia”*; Geralmente realizavam o trajeto com suas charretes ou aranhas, quando chegavam até o Barracão os cavalos eram soltos para descansar em um pasto que ficava ao lado do colégio.

Todas as roupas eram lavadas no rio. Como sua mãe era proprietária de um dormitório (hospedaria) todos os dias as irmãs e ela tinham muitas roupas de cama para lavar, em sua maioria brancas. Elas precisavam levar até mesmo um tacho para ferver as roupas para as deixar branquinhas: **“As roupas eram lavadas no rio, naquela época não existia máquina de lavar, nem luz a gente tinha”**.



Não havia muitas formas de lazer naquele tempo. Segundo Julita, além das domingueiras, nos finais de semana as crianças e os jovens se reuniam para jogar peteca: **“a gente fazia até torneio”**. As famílias se distraíam com os rádios e com as vitrolas, que funcionavam a pilhas.



Um dos lugares mais importantes da Barra da Jararaca era uma casa imponente de dois andares onde funcionava a Colonizadora Catarinense S.A: **“Lá existia até telefone”**. O primeiro morador a possuir um automóvel foi um dos funcionários da Colonizadora e o veículo motorizado chamava a atenção de todos.



“Meu pai ficou doente quando teve que deixar suas terras”. E isso foi o mesmo que aconteceu com muitos de seus vizinhos, principalmente os que já tinham mais idade. **“Era muito difícil para eles aceitarem que seriam obrigados a partir”**. Embora a indenização fosse paga, mesmo os que não quisessem aceitar teriam que sair, pois em pouco tempo todo o local seria tomado pelas águas da barragem. Os valores pagos pelas terras segundo a antiga moradora não era o valor de mercado e sim, bem inferior: **“Se pagava uma micharia”**; Além de terem que deixar suas terras os moradores ainda se sentiam lesados, pois estavam entregando suas posses a preço de banana.



Dona Julita sente muitas saudades das alegrias que viveu naquele lugar, porém ressalta que a vida era muito difícil e lamente não ter tido a oportunidade de estudar e fazer uma faculdade. *Para completar seus estudos, seu filho mais velho, nascido e crescido na comunidade, precisava ir diariamente até o centro do Barracão de ônibus. O transporte sempre foi pago com os próprios recursos: “Hoje em dia é tudo muito mais fácil, o transporte passa na frente das casas, vocês devem aproveitar”*.

Os relatos de Dona Julita e suas fotos nos deram uma maior noção sobre aquela importante e desenvolvida comunidade que já deixou de existir há décadas, mas que ainda continua viva na memória de seus antigos moradores.

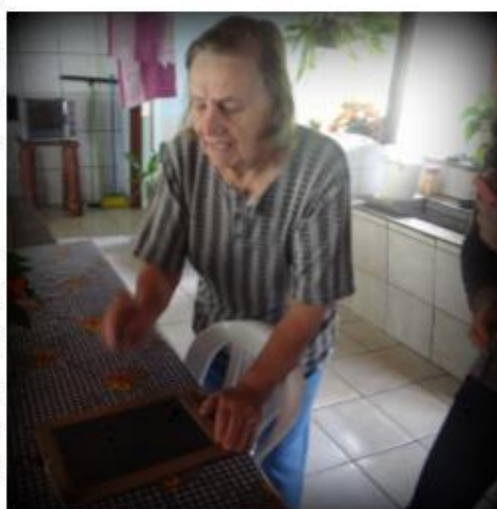
Entrevista com Cristina Huntemann Mess,

Cristina Huntemann Mess, com 80 anos e muito bem humorada é proprietária de uma jóia encrustada no meio de todo o verde da região do Rio Engano.

Filha de imigrantes holandeses (Van Bommel) e Alemães (Huntemann) ela vive em um casarão com mais de um século de existência. A casa foi erguida por seu pai, que veio de Santo Amaro em busca de uma região menos quente para viver. A fazenda além da imponente casa, no mais alto estilo enxaimel, em alvenaria e com um amplo sótão, ainda tinha uma atafona usada para produzir farinha de milho e um engenho para produzir melado e açúcar. O engenho ainda funciona e o visitamos, guiados por Nilton, seu filho.

Dona Cristina nos falou sobre seu tempo de escola, recordando com saudade da professora Iracema Garcia Cardoso, carinhosamente chamada de Santinha por seus alunos. A escola era a única da região naquela época – décadas de 20 e 30 – e atendia a alunos de toda a redondeza – Limeira, chapadão, Invernadinha, etc – e ficava em uma casa que também foi destruída em consequência da construção da barragem de Ituporanga: **“A escola ficava próximo a Igreja e quando tínhamos que fazer nossas necessidades tínhamos que ir até a encosta do rio pois na escola não tínhamos banheiro”**; diz Dona Cristina lembrando das dificuldades encontradas naquela época para estudar, além disso ela tinha que percorrer um caminhão de mais de 4 km de ida e mais 4 km de volta todos os dias, trajeto este muitas vezes feito no lombo de um cavalo.

Ela nos mostrou uma foto com mais de 7 décadas de existência, na qual está retratada sua saudosa turma de aula, a professora Santinha e a antiga escola; cheia de emoção recordou o nome de muitos de seus colegas e relembrou o grande respeito que todos os alunos tinham pela professora : **“Ela batia com a régua na mesa e todo mundo já ficava quietinho, ela nunca precisou usar a régua em ninguém, mas tinha permissão de nossos pais para fazer uso, se fosse preciso.”**



Conhecemos uma lousa, usada pelos irmãos mais velhos de Dona Cristina na escola: **“Antes não existia papel pra usar na escola, eles usavam essa lousa, copiavam, resolviam, a professora corrigia e eles apagavam para poder usar novamente.”** Como ela não chegou a usar a lousa nos mostrou o que usava para escrever, uma caneta tinteiro, que ela manuseava com muito gosto, enquanto nos contava o quanto gostava de nas aulas de português aprender a escrever cartas.



Além da impressionante arquitetura da casa no interior dela ainda encontramos dezenas de utensílios antiquíssimos, conservados com o maior zelo por sua cuidadosa dona, que chamam a atenção não apenas por sua beleza, mas também pela origem, como: um relógio de parede - daqueles que funcionam a corda - que foi produzidos no ano de 1878 em New York, um quadro com a frase *"Unser täglich Brot, Gib Uns Heute"* - Nosso pão de cada dia, dá-nos hoje, traduzido por nossa anfitriã, que aprendeu a falar fluentemente alemão com seus pais - ou um recipiente utilizado para armazenar água, trazido da Holanda por seus avós com a seguinte frase escrita – *"Wynandfockink Amsterdam"* – Alguém sabe o que significa?. Além disso, ainda existem diversas outras antiguidades na casa, como por exemplo: um berço de madeira onde todos irmãos de Dona Cristina, ela e também todos os seus filhos dormiram quando bebês e o um sótão repleto de louças e moveis antigos.



Apesar de todas as dificuldades que Dona Cristina enfrentou ao longo da vida, tendo ficado viúva aos 40 anos e com 8 filhos em casa para criar, ela permanece uma fortaleza, esbanjando energia e bom humos: **“Somos igual a uma máquina, se a gente ficar parado enferrujamos”.**

Entre fotos, boas risadas e muitas histórias, concluímos nossa visita até a propriedade de Dona Cristina, mas não sem antes provarmos de uma deliciosa bolacha caseira, feita especialmente para ser servida para a gente.

ROTA TURÍSTICA ENTRE A SERRA E O LITORAL

Desvende Alfredo Wagner

2013

Alfredo Wagner

Características: Cidade de imigração alemã e italiana, clima temperado seco de invernos rigorosos, ocorrência de neve nos pontos mais altos do território – Campo dos padres.

Atrativos: turismo de águas, turismo ecológico, turismo religioso, turismo rural e grandes tropeadas.

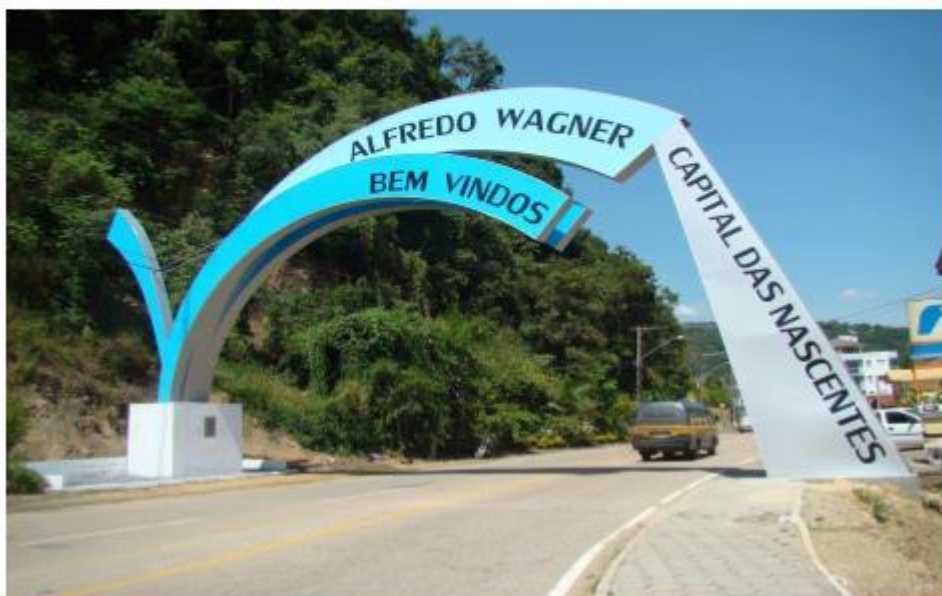
Particularidades: É a capital catarinense das nascentes.

Curiosidades:

- Abriga a nascente mais distante do rio Itajaí-açu;
- É o início do Vale do Itajaí, do Planalto Serrano e da Grande Florianópolis;
- É um dos maiores produtores nacionais de cebola e já recebeu prêmios internacionais pela qualidade da cebola aqui produzida;
- Acontece aqui a maior cavalcada do sul brasileiro pela natureza. (Diacavalo ao Pinguirito);
- Já foram catalogadas mais de 230 espécies de aves na RPPN Rio das Funas, que fica em nosso município.

“O uso das viagens serve para regular a imaginação através da realidade, e assim ao invés de imaginar como as coisas talvez sejam, você vê como elas realmente são.”

Samuel Johnson



Portal da cidade

Comunidades

- Catuíra
- Lomba Alta
- Caeté
- São Leonardo
- Rio Engano
- Passo da Limeira
- Soldadinho



Projeto desenvolvido na Escola de Educação Básica Silva Jardim

Conhecendo Alfredo Wagner

Muitas vezes viajamos em busca de paisagens deslumbrantes, lugares ricos em história, com sabores irresistíveis e pessoas encantadoras. Buscamos romper fronteiras, tanto as territoriais quanto as do conhecimento, e temos a impressão de que só encontraremos isso a léguas e léguas de distância. Para quebrar esse tabu resolvemos mergulhar na história de nosso município e desvendar a Alfredo Wagner que ainda não conhecíamos.

Decidimos sentir o prazer de viajar pela nossa cidade, fazendo de cada saída de campo uma viagem pela cultura de nosso povo, pelas peculiaridades de nossa história e por nossas belezas naturais, aflorando assim o orgulho de ser Alfredense e despertando o desejo pelo conhecimento.

Viaje conosco, conheça Alfredo Wagner você também!

Alfredo Wagner para os turistas

Buscamos desenvolver o turismo sustentável de nossa cidade, com propostas a serem implementadas pela secretaria de turismo e por donos de pousadas e hotéis com o intuito de tornar a atividade turística rentável em nossa cidade.



Alunos e professores em visita de campo no desenvolvimento do projeto

O que visitar?

Ruínas do Casarão – O casarão dos Ibagy foi um ícone do desenvolvimento e prosperidade da comunidade no início do século passado. Todo em alvenaria e dois pisos contava com uma arquitetura moderna, formada por cômodos amplos com teto e paredes ornamentados.

Marco Centenário – O marco centenário erguido em frente à Igreja nos relembra a comemoração pelos 100 anos da antiga Colônia Militar de Santa Tereza.

Obelisco – Construído no ano de 2003 em comemoração aos 150 anos da comunidade, o Obelisco possui 15 metros e cada metro representa 10 anos.

Cemitério – O mais antigo cemitério da cidade é cercado de lendas e contos. O túmulo mais antigo completou no ano de 2013, 160 anos.

Igreja – Construída no ano de 1958 no local onde mais de um século antes, no ano de 1855 foi construída a primeira igreja católica de nossa arquidiocese. Conta-se que a primeira santa – Santa Tereza – foi doada à comunidade pela imperatriz Tereza Cristina. O interior é ornamentado por pinturas que contam em ordem cronológica a história da colonização da região, desde seus primeiros habitantes – os índios – passando pela instalação da colônia militar e mostrando como a fé do povo que habitava o local sempre foi muito forte.



Igreja Santa Tereza

Comunidade Catuíra

A comunidade de Catuíra é um dos grandes alicerces históricos do município de Alfredo Wagner. Nomeada Catuíra em 1943 (que em Tupi significa Terra do Mel), a comunidade abriga moradores pacatos e amistosos que preservam com orgulho sua história.

Na comunidade encontra-se a igreja de Santa Tereza. A primeira igreja da comunidade foi construída no ano de 1855 e por isso ela é tida como a comunidade mais antiga da diocese.

Durante 43 anos (1853 – 1896) chamou-se Colônia Militar Santa Tereza – em homenagem a imperatriz Tereza Cristina - e deu segurança e manutenção à estrada, proporcionando aos cavaleiros que por ali passavam maior comodidade e conforto. Protagonizou também a formação de outras colônias, que hoje formam municípios.

A antiga colônia Militar Santa Tereza completa em 2013, 160 anos de criação.



O que visitar?

Museu Arqueológico – O museu possui salas de Arqueologia e Geologia, repletas de fósseis de plantas e raízes, contando dezenas de anos. Existe também uma sala com moedas de várias partes do mundo e peças pré-históricas, que por si só narram a precariedade da vida dos povos que habitavam Alfredo Wagner em época remota.

Museu Histórico – A casa do antigo museu (réplica da casa onde Alfredo Wagner viveu) passou agora a abrigar o museu histórico da cidade onde muitas fotos contam a história de nosso município. Em um dos cômodos, podemos encontrar algumas fotos de expedições arqueológicas realizadas em nossa cidade, muitas destas fotos chamam a atenção. Entre várias bonitas imagens podemos encontrar por exemplo: uma do fóssil de dinossauro, encontrado aqui em nosso município.

Gruta do Poço certo – Para chegar até a gruta é preciso descer por uma trilha que fica em meio à mata nativa. Encontra-se ali um caminho encantador, com folhas caídas das árvores servindo como um tapete. O ar puro, as paisagens e o canto dos pássaros nos levam a um cenário que parece irreal. Ao chegar à gruta, que fica numa fenda entre as rochas, é possível apreciar ao seu lado uma queda livre de alguns metros que mistifica a paisagem.



Museu de Arqueologia

Comunidade Lomba Alta

O início da comunidade de Lomba Alta data o ano de 1904, quando alguns tropeiros desviaram do caminho habitual entre o desterro até a cidade de nossa senhora dos prazeres de Lages se aproximando do morro do trombudo.

É nesta comunidade que se localiza o Museu Arqueológico da cidade e também o museu histórico, que se encontra em uma casa que é uma réplica da casa do patrono do Município, Alfredo Wagner.

Além de toda a história localizada na comunidade o lugar ainda é repleto de belezas naturais. Com pousadas que integram o turista com o meio ambiente, é possível realizar trilhas em meio à mata e desfrutar das maravilhas do lugar.

Uma das grutas mais famosas do município, a gruta do Poço Certo, está localizada lá.



O que visitar?

Gruta Nossa senhora de Fátima – A gruta foi construída na década de 60, pela senhora Luzia Heidersheidt após uma visão em que a Santa mostrara o local onde a gruta deveria ser fundada.

Casarões estilo Enxaimel

– Na comunidade se encontram algumas casas no estilo enxaimel que é herança dos europeus que colonizaram a região. O estilo é evidenciado no telhado das casas que costuma ter a ponta fina. Esse tipo de telhado existe por causa da abundância de neve dos invernos europeus, o telhado sendo mais íngreme impede que a neve acumule e venha a derrubar o mesmo. Os colonizadores da região não sabendo sobre o clima da nova terra preferiram se prevenir e construíram suas casas usando esse padrão.

Morro do Lajeado – Com 1.752 metros é a maior montanha do município.

Cachoeira dos Schaffers

– Para chegar até a cachoeira é preciso passar por um caminho tortuoso, cheio de rochas, árvores, cercas e lamaçais. Entretanto na chegada recompensa-se todo o esforço. O lugar é maravilhoso, a água cria um véu sobre as rochas, descendo seu trilho, formado a centenas de anos.



Casas do estilo enxaimel

Comunidade do Caeté

Tendo seu nome retirado de uma palavra de origem indígena que significa "Mato Verdadeiro", na região uma planta que produz uma flor branca cresce em abundância nas margens dos rios e caracteriza a comunidade.

O Caeté é uma das comunidades mais alemãs de nosso município, preservando a cultura e até mesmo o idioma de seus antepassados. Não é raro encontrarmos casas onde se usa como primeira língua o alemão.

Além de a comunidade abrigar a mais distante nascente do Rio Itajaí-Açu é também ali que se encontra a Gruta de Nossa Senhora de Fátima, a mais popular do município. Toda Sexta-Feira Santa o lugar atrai centenas de visitantes, munícipes e filhos de nossa terra, que retornam vindos de diversos locais e ajudam a manter viva a tradição de ir a pé à gruta do Caeté.



CONHECENDO
ALFREDO WAGNER

O que visitar?

Gruta de São Leonardo – Chamada de Gruta Nossa Senhora de Fátima é popularmente conhecida como Gruta de São Leonardo. Foi criada no ano de 1954 pelo então professor da comunidade, senhor Leonardo Harger. Ele teve um sonho em que foi guiado até o local onde se encontrava uma linda queda d'água e uma mulher de branco o ajudou, dando-lhe a mão quando ele estava prestes a cair. Quando acordou foi procurar o local do sonho e lá construiu uma bela gruta.

Fábrica de Doce – A fábrica "Doces da Colina" proporciona ao visitante uma culinária de alto padrão, com produtos feitos artesanalmente com ingredientes naturais. Resgatando traços da cultura alemã. Além de ser comercializada na feira de artesanatos da comunidade também são encontrados no comércio de Alfredo Wagner e região.

Feira de artesanato – a comunidade recebe os turistas lhes oferecendo uma variedade de produtos feitos artesanalmente pelos moradores tais como: bordados, panos de louça, artesanato, doces e compotas. É na feira também que o grupo de dança Zähne Brechen se apresenta, resgatando a cultura alemã e a história da comunidade.

Cachoeira Rio Araçá – A queda d'água rasga a encosta verde em uma queda com mais de 50 metros. Impressiona pela beleza da vista encontrada em seu cume.



Dança Alemã

Distrito de São Leonardo— Quebra Dentes

O nome se originou diante das dificuldades que as mulas dos tropeiros encontravam para subir os aclives do caminho, escorregando e batendo com a queixada no solo, "Quebrando os dentes".

A denominação São Leonardo tem como referência o ano de 1963, quando a vila passou a ser um distrito de Alfredo Wagner. São Leonardo é ainda hoje uma das comunidades com a economia mais dinâmica do município.

No distrito a tradição alemã é exaltada com o grupo de dança que preserva a cultura e os costumes de seus antepassados. Além disso a comunidade recebe inúmeros visitantes atraídos por suas belezas naturais, pela riqueza de sua história e por sua culinária de alto padrão.



CONHECENDO
ALFREDO WAGNER

O que visitar?

Caminho Europeu — Devido a colonização europeia muitas casas ainda carregam o estilo da região de onde os colonizadores vieram. A arquitetura alemã é encontrada em casas no estilo enxaimel, outro estilo encontrado evidencia a colonização holandesa. Não é difícil passear pelo caminho e imaginar-se em terras europeias.

Cachoeira do Rio Engano — Seguindo o caminho europeu onde se encontram as antigas casas chega-se a uma belíssima cachoeira de águas cristalinas. Escondida em meio ao verde encontra-se um dos pontos mais visitados da comunidade.

Cachoeira do Passo da Limeira — Talvez a mais bela queda d'água de nosso município se encontra no Passo da Limeira. Na pouxada das águas somos convidados a participar de uma trilha em meio a mata. Na trilha encontramos espécies da fauna e da flora da região e ainda conhecemos histórias sobre os indígenas que habitaram aquelas terras antes da chegada dos colonizadores. O caminho é longo, mas quando se chega ao destino o cenário é digno de filmes de aventura. Uma imensa queda d'água, cercada por rochas que no passado serviam de abrigo para os índios. Espetacular. Quando o vento bate, algumas gotículas de água chegam até os visitantes, refrescando, revigorando e os deixando completamente extasiados diante da beleza do lugar.



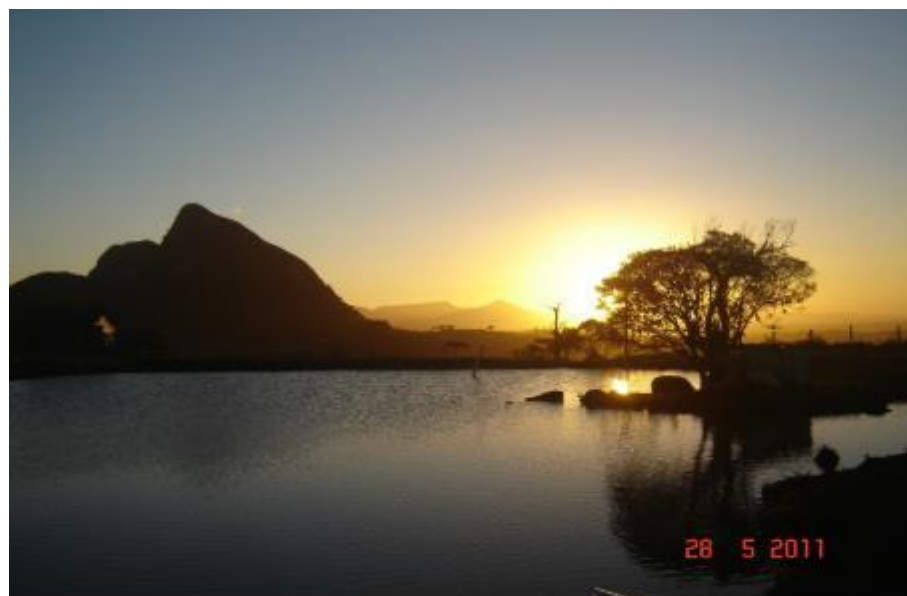
Cachoeira Rio Engano

Distrito de Rio Engano

O distrito de Rio Engano está situado no extremo norte do município de Alfredo Wagner. Sua economia é essencialmente agrícola, predominando o cultivo do fumo e da cebola. A comunidade foi colonizada em fins do século XIX, por famílias oriundas do litoral e também imigrantes vindos da colônia de Santa Isabel e adjacências, em sua maioria Holandeses e alemães.



CONHECENDO
ALFREDO WAGNER



Santa Bárbara

Pacotes Turísticos

- ◆ Cachoeiras – Saltos das Nascentes
- ◆ Histórico – Raízes da nossa terra
- ◆ Religioso – Caminhos da fé
- ◆ Europeu – Vale Europeu
- ◆ Ecologia – Te quero Verde
- ◆ Trilhas – Alfredo Wagner Desconhecido

Cada turista possui seu perfil...

Sabendo disso elaboramos um pacote para que cada tipo de turista tenha suas expectativas correspondidas.



Aventura no Campo dos Padres

Você sabia que Alfredo Wagner tem um candidato a Santo?

Segundo relatos da região, conta-se que o longínquo ano de 1893, um grupo de soldados, fugidos da Revolução Federalista, atravessou a pé nossa região, certamente com destino a Lages. Porém o inverno fez daquela viagem um inferno: tempestades, neve, fome, falta de abrigo e caminhos incertos foram algumas das dificuldades encontradas por eles.

Infelizmente na escuridão de uma das noites, cruzando a frígida Chapada das Demoras, um deles, debilitado e doente, perdeu-se do grupo, sendo encontrado morto no dia seguinte. Ali mesmo no local, sob um grosso pinheiro, os colegas o sepultaram.

Com o passar do tempo e aumento do tráfego de tropeiros por aquela região, a simples cruzinha colada no local, passou a ser referência para os viajantes, que paravam, acendiam as velas, rezavam pela alma do desconhecido e pediam-lhe graças. Criou-se então certa devoção àquele jazigo, principalmente quando o novo dono daquelas terras, desinformado, ateou fogo na mata, queimando toda a vegetação. De maneira inexplicável, a cruz de madeira resistiu as chamas.

Construiu-se dessa forma, na década de 1950, no local, um túmulo até hoje muito visitado. O lugar passou a ser um centro de peregrinação deromeiros que garantem ter alcançado graças do Soldado Desconhecido. Comprovando assim seus milagres.

Saltos das Nascentes

Se você é aventureiro e gosta de belas paisagens o pacote Salto das Nascentes é perfeito para você.

Em dois dias o turista conhece 5 das principais cachoeiras do município:

Cachoeira Quebra-Dentes

Cachoeira dos Schaffers

Cachoeira Poço Certo

Cachoeira Rio Engano

Para chegar até as cachoeiras um guia acompanhará os visitantes pelas trilhas, lhes passando noções sobre a fauna e flora da região e alguns dados sobre as cachoeiras.

Nos passeios realizados nos meses de outubro a março os turistas poderão levar roupas de banho e se deliciarem nos saltos de nossas nascentes.



Cachoeira Poço Certo



Cachoeira Caeté



Cachoeira Passo da Limeira



Cachoeira Rio Engano



Ruínas do Casarão

Raízes da nossa terra

Com este pacote o visitante vai mergulhar nas raízes históricas de nosso município. No distrito de Catuíra conhecerá a história da Colônia Militar Santa Tereza. O turista ainda poderá conhecer a estrada de pedra construída pelos escravos, ainda no século XIX, para facilitar a travessia de tropeiros que faziam o comércio de produtos entre a serra e o litoral.

Para completar o dia de história os turistas participam de uma roda de fogo de chão, e ouvem histórias sobre contos e causos da região.

Caminhos da Fé

O povo alfredense sempre foi muito religioso. Prova disso é sempre se ter uma igreja como um dos marcos pioneiros das comunidades. O município majoritariamente de religião católica possui inúmeras grutas e histórias de fé e religião. O turista que optar por esse pacote fará os seguintes passeios:

Gruta São Leonardo – História da construção da gruta, escolha do local, quem a criou, quando foi criada;

Gruta Caeté– História da construção da gruta, escolha do local, quem a criou, quando foi criada;

Igreja Matriz – História sobre as outras igrejas que já existiram no local, história da construção e mobilização da comunidade e Santos Padroeiros; Túmulo Soldadinho—Visita ao Jazigo do Soldadinho ao qual são atribuídos milagres;

Igreja Catuira - História sobre as outras igrejas que já existiram no local, história da construção e mobilização da comunidade, história sobre as pinturas das paredes, Santa recebida da imperatriz e Santos Padroeiros;

Igreja Lomba - Alta História sobre as outras igrejas que já existiram no local, história da construção e mobilização da comunidade e Santos Padroeiros;



Igreja Matriz



Jazigo Soldadinho



Café Colonial

Vale Europeu

Resgatar nossas raízes europeias, tendo um dia tipicamente de imigrantes alemães.

O turista é convidado a passar um dia em uma casa de colonos onde se fala o idioma alemão. São convidados a tomar um café tipicamente alemão e a almoçar uma comida tipicamente de colonos alemães (ver cardápio). Após o almoço os turistas se reúnem para ouvir histórias sobre como foi a chegada dos alemães até a comunidade. Como era a vida quando eles chegaram aqui, como viviam, como se sustentavam e histórias sobre a sua rotina diária em tempos de outrora.

Te quero verde

Os turistas irão fazer passeios em meio ao verde de nossa cidade, ouvindo sobre a fauna, a flora, sobre sustentabilidade, preservação ambiental e maneiras de conviver em harmonia com a natureza. O pacote é recomendado para turmas de estudantes e os assuntos variam de acordo com a faixa etária dos participantes.



Reservas ecológicas

Alfredo Wagner Desconhecido

Alfredo Wagner ainda é uma cidade pouco explorada, mas com um potencial imenso para a aventura. O pacote de trilhas contam com diversas trilhas, acompanhadas por guia para satisfazer todos os tipos de turistas. Trilhas leves, moderadas e de alto grau de dificuldade além de trilhas realizadas com animais. Trilha do Campo dos padres – considerada uma das mais belas trilhas da cidade ela leva o visitante a um dos pontos mais altos de Alfredo Wagner. Seus cânions e escarpas fazem o desgaste físico valer a pena. O visitante pode escolher se planeja realizar o passeio com animal (cavalo) – o guia verificará se o visitante está apto para tal.

Trilha Morro da Tartaruga Santa Bárbara – Os visitantes sobem pela trilha até o cume da montanha chamada morro da Tartaruga e lá de cima podem se deparar com uma vista de 360° de encher os olhos.

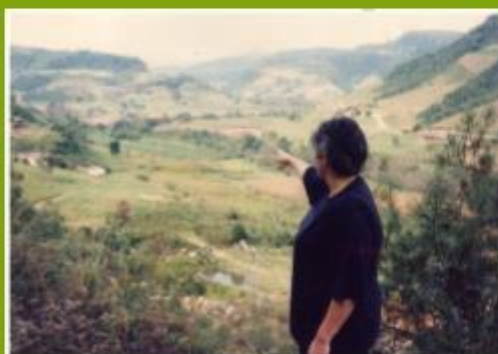


Trilhas em meio a natureza

A comunidade fantasma de Alfredo Wagner

Localizada ao norte do município de Alfredo Wagner, a pequena comunidade diferencia-se hoje do importante e promissor distrito que já foi em tempos de outrora.

No lugar existiam muitas casas, cartório, mercado, clube, bares, uma bonita praça e desde a década de 20 a comunidade da Barra da Jararaca contava com serviço telefônico. Era também onde ficava a Sociedade Colonizadora Catarinense S.A, criada em 1917 tendo como beneficiários o Coronel Carlos Napoleão Poeta e José Domingos Pagioli. Hoje o local simplesmente desapareceu, mas ainda está na memória de muitos Alfredenses.



A Vila da Barra da Jararaca ficava na direção apontada.

FEIRAS E EXPOSIÇÕES



1- Exposição na Festa do Colono - 21 de julho



2- FEMACRI - exposição do projeto na feira de matemática e ciências - ituporanga - 30 de Agosto

O PROJETO NA MÍDIA

Jornal Alfredo Wagner
Gente nossa escrevendo para nossa gente

Março - 2013 **Conhecendo Alfredo Wagner** **05**

Carol Pereira
carolpereira@jornalaw.com.br

Em virtude do Projeto "Conhecendo Alfredo Wagner", realizamos no dia 15 de março uma visita à antiga Colônia Militar Santa Tereza. Acompanhada pelos alunos do 2º ano do ensino médio Inovador e pelas professoras Eliana, Angela e Rosemary, nossa visita pelas ruas cheias de histórias foi guiada pelo professor Juliano Norberto Wagner, que mesmo não habitando nesta área na Silva Jardim aceitou o convite, nos proporcionando uma viagem até os primórdios de nosso município em uma manhã de conhecimento na Catuira.

Catuira, uma pequena comunidade da cidade de Alfredo Wagner, "Terra do Mal", quem diria que teria uma bagagem histórica tão grande. Iniciamos nossa visita no Marco do Centenário, onde conhecemos a história da criação da Colônia Militar. Podemos visualizar, embora de longe, por onde passaram as estradas que fazem a ligação entre Desterro (Flórida) e a cidade de Nova Serrana das Princesas da Lagoa (Lagoa), que aliás, naquela época pertencia a São Paulo e o estado do Paraná ainda nem existia. São Juliano nos contou também o porquê que, a existência de uma Colônia Militar naquela região estratégica era tão importante naquela época e comenta sobre "Guerra Velha", o primeiro local onde a Colônia tentou se estabelecer e o porquê da desistência do mesmo.

Após a aula de história, seguimos o caminho feito de pedras, pedras e pedras até a igreja, onde poderíamos ver a igreja e além de mim, boa parte do nosso grupo não a conheciam. A igreja é um grande marco da fé católica, sinal, os Militares vieram para Colônia e menos de um ano depois, já colocaram de pé um local para servir de "A Casa de Deus". Dentro da igreja, podemos ver em uma pintura de como era a primeira igreja católica da nova Arquidiocese. No local onde ela foi construída, no ano de 1858, hoje existe uma nova igreja, inaugurada no ano de 1938. Podemos ver de Deus. São, que primeiro as paredes foram erguidas e somente após a cobertura já estar pronta, a antiga igreja foi desmontada.

Nas paredes laterais da igreja, se encontram várias pinturas que falam quase uma linha do tempo, contando a história da comunidade. Iniciamos com a alusão de um encontro pacífico e amigável com os índios que sempre ocuparam estas terras. Na casa, eles estavam sendo catequizados e pareciam estar felizes com isso. São Juliano alerta os alunos contando algumas passagens sobre bagagem, mostrando que nem sempre os encontros eram pacíficos. Os bagreiros eram contrariados pelo governo, para que, pelo fim de sua vida, eliminassem os índios que dificultavam a ocupação das terras na região ainda desabitada.

Em outra casa podemos ver a "Guerra Velha" e também um muro coberto de neve. O frio intenso e me-

Visita ao Distrito de Catuira









Da esquerda para a direita: Prof. Juliano N. Wagner explicando para os alunos; Casarão Illegit; alunos e professores em frente à Centenária Capela Santa Tereza de Catuira; alunos anotando as informações recebidas; pequeno harmonino (órgão portátil); em baixo: Obelisco no centro da Catuira;

ses da fúria chuva foram os principais motivos para que os militares da lá desobedecerem, até chegaram a Catuira, local muito mais amigável e com mais potencial agrícola.

Entre outras casas visitadas nas paredes da igreja vimos uma que particularmente me chamou a atenção. A pintura mostrava a Imperatriz Tereza Cristina (de quem a colônia herdou o nome) proporcionando a comunidade com uma Santa, no caso Santa Tereza. O que me chamou a atenção foi sua imagem não mais existir na igreja, segundo São Juliano ela teria sido vista por um antigo morador, esposa em um museu no Ilho de Jenipão.

Para finalizar subimos até o "Corato", onde tivemos uma vista privilegiada da igreja e ainda podemos ver de perto um Órgão, que existe desde os meados do século XIX. Saímos da igreja, ouvimos mais alguns fatos interessantes sobre a história do local da igreja matriz e, a seguir, os alunos tiraram algumas fotos para serem nas aulas de biologia. Fizemos uma parada para o lanche.

Continuamos no bar do São "Bocadinho, um ambiente simples, com uma cozinha super amigável e após o lanche, vimos a réplica do casarão dos Illegit, depois seguimos até as ruas rústicas.

No caminho passamos na APAE e conhecemos o trabalho de algumas professoras, que pode-se ver se dedicam muito para oferecer o melhor aos seus alunos. Saímos de lá, chegamos ao casarão, passando pelo obelisco em comemoração aos 150 anos da comunidade. Segundo a professora Eliana, a dez anos a casa ainda estava de pé e os alunos da nossa escola, também na realização de um projeto, tiveram o privilégio de conhecer a casa enquanto ela ainda estava inteira. Pode-se notar que a casa era uma construção imponente para a época e ainda consegue-se ver as pinturas, que enfeitavam cada cômodo.

Tivemos que apressar nosso retorno, devido ao horário de nosso transporte e não podemos fazer a nossa visita ao cemitério, mas mesmo em frente ao obelisco podemos conhecer algumas histórias de alunos que vagam por aquelas paragens.

Retornamos à escola pública, tamanho o bônus da história que trouxe logo pela manhã. Os alunos procuraram curiosidades, assim como os professores que também se encantaram com as explicações do professor Juliano. Não foi apenas o primeiro dia de uma curta viagem para saber o que Alfredo Wagner nos reservou.

O projeto teve uma ampla divulgação na mídia impressa, tendo um caderno mensal no jornal da cidade, assim atingindo um número maior de leitores, que puderam conhecer e se envolver com o projeto. Além disso teve destaque também em outros jornais do estado como por exemplo os jornais Vale Sul e a Comarca – jornais da região do vale do Itajaí – e até mesmo no Diário Catarinense, que figura como o maior jornal do estado de Santa Catarina.

AW: Projeto escolar resgata histórias e culturas das comunidades

O Projeto Conhecendo Alfredo Wagner é uma atividade implantada no 2º ano do Ensino Médio inovador da Escola de Educação Básica Silva Jardim. O programa oportuniza aos alunos para que conheçam as comunidades do município, reflitam sobre sua história, seus problemas e qualidades, de forma que possam contribuir para o seu crescimento.

A professora Carol Pereira é a responsável pelas visitas e acompanhamento dos estudantes. Em algumas



oportunidades outros professores também realizam as visitas, buscando lançar o olhar dos escolares a temas e conceitos que se enquadrem em suas disciplinas.

“Muitas vezes viajamos em busca de paisagens deslumbrantes, lugares ricos em história e cultura. Buscamos romper fronteiras territoriais e de conhecimentos, e temos a impressão de que só encontraremos isso percorrendo grandes distancias. Para quebrar esse tabu, resolvemos mergulhar na história de nosso município e desvendar a Alfredo Wagner que ainda não conhecíamos. Decidimos sentir o prazer de viajar pelo nosso município, numa viagem pela cultura de nosso povo, pelas peculiaridades de nossa história e por nossas belezas naturais, despertando o orgulho de ser alfredense e o desejo pelo conhecimento”, argumenta Carol Pereira.

Os alunos já realizaram visita às comunidades de Catuíra, Caeté, Rio Engano, Passo da Limeira, São Leonardo, Lomba Alta e a Reserva Rio das Furnas.

3 - Jornal: A Comarca

Projeto conhecendo Alfredo Wagner



Alfredo Wagner - O Projeto Conhecendo Alfredo Wagner é uma atividade implantada no 2º ano do ensino médio inovador da Escola de Educação Básica Silva Jardim. O programa objetiva fazer com que os alunos conheçam a comunidade da qual fazem parte, refletir sobre seus problemas e qualidades de maneira que possam contribuir para o seu crescimento. A professora Carol Pereira é a responsável pelas visitas e acompanhamento dos estudantes. Em algumas oportunidades outros professores também realizam as visitas, buscando lançar o olhar dos escolares a temas e conceitos que se enquadrem em suas disciplinas. “Muitas vezes viajamos em busca de paisagens deslumbrantes, lugares ricos em história, com sabores irresistíveis e pessoas encantadoras. Busca-

mos romper fronteiras, tanto as territoriais quanto às do conhecimento, e temos a impressão de que só encontraremos isso a léguas e léguas de distancia. Para quebrar esse tabu, resolvemos mergulhar na história de nosso município e desvendar a Alfredo Wagner que ainda não conhecíamos. Decidimos sentir o prazer de viajar pela nossa cidade, fazendo de cada saída de campo uma viagem pela cultura de nosso povo, pelas peculiaridades de nossa história e por nossas belezas naturais, aflorando assim o orgulho de ser alfredense e despertando o desejo pelo conhecimento”, argumenta Carol Pereira. Os alunos já realizaram visita às comunidades de Catuíra, Caeté, Rio Engano, Passo da Limeira, São Leonardo, Lomba Alta e a Reserva Rio das Furnas.

4- Jornal: Vale Sul

De vários povos

Município é formado por diversas culturas



Carol Pereira
professora

Entendo que Alfredo Wagner não está situado apenas entre os limites que definem a serra e o litoral. O município também permite identificar-se nas divisas de identidade. Convivemos com culturas tão dispares quanto a alemã, a italiana, a gaúcha e a açoriana. A cidade não está inteiramente localizada na serra, nem no litoral ou no Alto Vale. O clima é diferente, pois vivemos invernos de europeus a verões cariocas. A diversidade religiosa é flagrante e harmoniosa. Nosso ambiente natural não é purista. Ainda bem!

O nosso eterno barracão tem o estranho poder de despertar um sentimento de contemplação poética, de encantar a todos com suas belas paisagens, com suas tradições e com seu povo, que, como não poderia deixar de ser, também é algo ímpar, único.

Somos arrojados e modernos, temos uma educação de qualidade e estamos sempre conectados no futuro, além de ficar a um pequeno pulo de Florianópolis.

A nossa história é rica. Assim como as das mais consagradas nações, a cidade foi erguida por bravos.



*Temos uma
história
riquíssima
e um investimento
em turismo
para SC.*

**Naudir Antonio
Schmitz**
Prefeito

SAIBA MAIS

- **População:** 9.494 habitantes
- **Localização:** Grande Florianópolis, a 108 km da Capital
- **Área:** 732,28 quilômetros quadrados
- **Emancipação:** 21/12/1961
- **Características:** cidade de imigração alemã e italiana, com clima temperado seco de invernos rigorosos.
- **Atrativos:** turismo de águas, tiro, ecológico, turismo religioso, turismo rural e grandes tropeçadas.
- **Pontos turísticos:** Campos dos Padres, Distrito de Catuira, Recanto da Arte, museu arqueológico, Gruta Poço Certo, Gruta Nossa Senhora de Fátima, Parque Aquático Salto das Águas

BIOGRAFIAS

Cerca de 30 biografias escritas por alunos e por membros das comunidades foram postadas no blog carolpereira.blogspot.com e também no blog da escola ebsilvajardim.blogspot.com e obtiveram um número expressivo de visualizações, além de assim ter tornado o projeto conhecido em toda a comunidade, causando um grande interesse e participação por parte da população em geral e não apenas na comunidade escolar.

terça-feira, junho 02, 2010

Personalidades: Professor José Dell' Antonia

Por Pedro Jayme dos Santos

Data de nascimento: 11 de novembro de 1909

Data de falecimento: 15 de abril de 2000

Nasceu em Nova Trento-SC, em 11 de novembro de 1909. Filho de Sebastião Dell'Antonia e de Maria Sartori, de origem Italiana, proveniente da comunidade de Fregona, província de Treviso na Itália. Realizou seu estudo primário na cidade natal. Em 1919, seus pais o encaminharam para o Juvenato, - internato - São José na cidade de Mendes/RJ, onde concluiu o Ginásio, o curso Normal e Teologia. Em 1932, transferiu-se para Varginha - MG, iniciando sua vida profissional como professor. Lá lecionou para o magistério no Colégio Coração de Jesus, e, em 1933 mudou-se para São Paulo para lecionar em um colégio na Praça da Sé. No ano seguinte transferiu-se para a cidade de Guarulhos e lecionou teologia em um colégio da ordem. Retornou a Nova Trento para junto de sua família e lecionou no colégio São Luiz. Novamente transferiu-se, agora para Joinville, em seguida para Guaramirim, Concórdia e posteriormente, em 26/05/1937, com a matrícula nº 0261254/01 se efetivou na Escola Estadual Desdobrada do Distrito Catuira, como professor e lá permaneceu até sua aposentadoria.

Mudou-se junto com a escola para o local denominado Sombrio, onde hoje esta a casa do Sr. Santo Luca. Em 1954, o governo de Nereu Ramos inaugura a Escola Estadual Urbana de Alfredo Wagner e por apresentar um belo currículo como normalista e seminarista o Professor José Dell'antonia foi nomeado o Diretor do novo colégio. Assim sendo o Professor, agora primeiro Diretor, sugeriu que o grupo escolar recebesse o nome de Antonio da Silva Jardim por considerar este um grande intelectual, escritor famoso e ainda aderir igualmente à filosofia do positivismo de Augusto Comte. O senhor José Dell' Antonia lecionou como professor e diretor neste colégio durante 25 anos, nove meses e dezessete dias, se aposentando em 12/03/1963 por apresentar problemas de saúde.

Aposentado se dedicou completamente a família. Pai de doze filhos, sendo cinco homens e sete mulheres, gostava muito de falar, expressar os seus conhecimentos e contar histórias do seu tempo de seminário e de professor. Mantinha-se atualizado com os acontecimentos do Estado, do Brasil e do mundo; convicto das suas ideias e pensamentos, arriscava algumas previsões que às vezes se concretizavam como, por exemplo, o fim do regime militar brasileiro. Gostava muito de crianças, esportes, música, natureza, animais e de religião; pai



PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DE ALFREDO WAGNER

João Conorato
Padre Alfons Hansenfratz
Evaldo Jung
Alfredo Henrique Wagner
Alfredo Wagner Júnior - Duca
Valdir Mariotti - Dico
Edelberto Schaeffer - Eti
Homenagem Balcino Matias Wagner
Rogério Pedro Kretzer
Oslino Heiderscheidt
Oswaldo Schweitzer - Vadinho
Lauro Schweitzer
Evilásio Hermenegildo de Amorim - Papai Noel
José Sebastião da Cunha - Seu Juquinha
Alcebiades Frederico Andersen
Professor José Dell Antonia
Izidoro Cechetto
José de Campos
João Sequinal Neto - Joca
Altair Schweitzer - Talico
Casal Quiliano e Luzia Heiderscheidt
Olíbio Ferreira da Cunha
Paulina Zilli

POEMAS

Intencionalidade: O 2º ano – Inovador trabalhou o projeto interdisciplinar “Conhecendo Alfredo Wagner” de maneira dinâmica e responsável pois fez um estudo de campo que os levou a algumas das comunidades de nosso município. Essas visitas permitiram que estes alunos pudessem trabalhar a realidade da cidade onde vivem de maneira detalhada e aprofundada. Assim, todo este conhecimento foi aproveitado nas aulas de língua portuguesa através da produção de um poema que teve como base “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias . Os alunos demonstraram, através de palavras, todo o seu afeto ao lugar onde vivem.

Poemas:

Comunidade: Rio das Furnas

Canção do Vale Encantado

Naquela terra tem imbuia
Não tão grande como antes
Na imbuia que há lá
A araponga se mata a cantar

Nessas matas tem mais vida
Nesse vale preservado
Nessa terra há mais aves
Nesse vale encantado

Quando me deparo com aquela beleza
Mais prazer tenho de estar lá
Nessa terra tem imbuia
Onde a araponga passa a noite a cantar

Nessa terra há belezas
Que tais não encontram em qualquer lugar
Em olhar esse lugar
Mais prazer eu sinto lá
Nessa terra tem um puma
Que vive a passear

Não permita Deus que desmatem esse lugar
Sem que a imbuia cresça
Sem que veja o puma passear
Que não veja tanta beleza em qualquer lugar
Sem que ainda aviste a imbuia
Onde canta a araponga

Aluno: Marcos Gabriel Boll , 16 anos

2º Ano EM – Inovador

Comunidade: Rio Engano

Canção das cachoeiras

Naquela terra tem laranjeiras onde cai a cachoeira;
As águas, que aqui passam, não são como às de lá.
Nosso céu tem mais brilho;
Nossas arvora tem mais frutos, nossos bosques tem mais folhas, nossas vidas mais amores.

Ao ficar acordado, à noite, mais estrelas vejo eu lá;
Naquela terra tem laranjeiras;
Onde cai a cachoeira.
Minha terra tem rumores, que tais não encontro eu cá;

Em ficar acordado, à noite, mais estrelas vejo eu lá.
Minha terra tem laranjeiras, onde cai a cachoeira.
Não permita Deus que eu vá, sem que eu retorne para lá.
Sem que saboreie as bolachas, que não encontro eu cá;
Sem Qu'indo aviste as laranjeiras onde caem as cachoeiras

Aluno: Hugo Seemann, 16 anos

2º ano EM- Inovador

Comunidade: Rio das Furnas

Canção da natureza

Esta terra é bem preservada,
Onde vivem os animais,
Aqui são bem cuidados,
Onde eles vivem mais.

Nossos rios são mais limpos,
Nossas matas mais vida tem já,
Onde pouco o homem conhece,
Mas eu encontro tudo lá.

Em andar sozinho à noite,
Mais espécies eu vejo lá,
Esta terra é bem preservada,
Onde ruídos vem a apavorar.

Esta tem têm valores,
Que eu encontro por lá,
Em andar sozinho à noite,
Mais espécies eu vejo lá,
Esta terra é bem preservada ,

Não permita Deus que desmatem,
Sem ver árvores monumentais,
Para que desfrute os valores,
Onde vivem os animais ,
Que não posso encontrar nunca mais.

Aluno: Alexsandro Ricardo da Rosa, 16 anos

2º ano EM-Inovador

Comunidade: Caeté

Nossa Terra

Nesta terra tem cachoeiras,
onde canta os animais,
as aves, que aqui eu vejo,
não os vejo mais por lá.

Nossas terras tem mais frutas,
nossas várzeas têm mais cores,
nossos parques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Em cismar,contigo,á noite,
mais felicidade eu encontro lá;
nesta terra têm cachoeiras,
onde se mostra o luar.

Nessa terra tem sonhadores,
que tais não encontro eu cá;
Em cismar contigo, á noite.
Mais felicidade eu encontro lá;
Nossa terra tem cachoeiras,
onde se mostra o luar.
Não deixe Deus que eu me vá,
sem que eu volte para lá;
Sem que aproveite os primores
que nunca encontrei por cá;
Sem que aproveite as cachoeiras,
onde a fauna canta sem parar.

Aluna: Tatiana Heiderscheidt , 16 anos

2º ano EM – Inovador

Comunidade: Rio Das Furnas

Canção da Mata

Aquela terra tem vegetação diversa,
Onde os animais fazem a festa.
Os animais que lá se encontram
Não são avistados por cá.

Aquela mata tem mais árvores,
Nos caminhos há mais flores;
A vida lá é mais tranquila;
Onde nos bosques, se desfila.

Lá sozinha passear,
Mais ar puro se encontra lá.
Aquela terra tem vegetação diversa,
São os animais que fazem festa.

Aquele território tem várias cachoeiras,
Que tais não vejo por cá;
Lá, sozinho a passear,
Mais ar puro encontro lá.
Aquela terra tem vegetação diversa;
Onde são animais que fazem festa Não permita Deus que aquele casal morra,
Sem que deixe alguém para cuidar;
Deixar do jeitinho que tá;
Mostrar para os próximos,
Aquela mata que tem muitas espécies de aves.
É que lá, é eles que dão alegria para o lugar.

Aluna: Elaine Schaffer, 16 anos

2º ano EM Inovador

Comunidade: Caeté

Canção de Beleza

Nesta terra tem pinheiros,
onde as galhas comem
Junto com os pinhais daqui
As galhas somem.

Neste campo tem mais milho
E a mata tem mais cores
As flores têm mais vida
E as frutas mais sabores.

Em cismar, sozinha, à noite,
Mais beleza encontro eu lá;
Mas penso que aqui
Minha vida também não é tão má.

Nesta terra tem alemães,
Que tantos não encontro eu cá.
Em cismar, sozinha, à noite,
Penso em voltar um dia lá.
Nesta terra tem cachoeiras,
Que tão belas não encontro eu cá.

Deus permita que a água corra,
Corra sem parar,
Para que, quando eu voltar um dia,
Possa ainda tal beleza admirar,
Vendo a água,
Em tão bela cachoeira, desaguar.

Aluna: Ataline Steinhauser, 16 anos

Comunidade: Catuíra

Minha terra

Minha terra tem arvoredos,
Aonde canta o Tia Chica,
A ave que aqui gorjeia,
Proseia no lugar que fica.

Nosso céu tem mais sol,
Nossas várzeas tem mais grama,
Nossos bosques tem mais flores,
Em nossa vida tem quem nos ama,

Em andar, sozinho a noite
Muito mais prazer eu encontro lá,
Minha terra tem araucárias
Desta planta eu posso conta

Minha terra tem agricultores
Quais encontro-se em todo lugar,
Em andar sozinho , á noite,
Mas me encanto por lá ,

Minha terra tem arvoredos,
Onde se encantamos por lá
Não permito a deus que eu vá!
Sem que eu volte para cá .
Sem que desfrute das coisas boas.
Que encontramos por cá,
Sem que andar aviste os arvoredos
Que eu avisto por cá.

Aluno: Saulo lung , 16 anos

Comunidade: Lomba Alta

Canção da Flor

Nesta terra tem flores
Onde canta o beija-flor
As flores que aqui florescem
Não florescem com a dor

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossa lua mais brilhante,
Nossa terra mais bonita,
Nossa terra radiante.

Em cismar muitos amores,
Eu encontro o amor,
Nesta terra tem flores,
Onde canta o beija-flor,

Nesta terra tem primores,
Onde eu não encontro aqui,
Em cismar contigo as vezes,
Eu mais saudade eu tenho de ti,
Nesta terra tem paisagens,
Onde se mostra as nuvens.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para o lar;
Sem que disfrute do museu,
Que encontro por lá;
Sem que eu aviste o azul do céu,
Que não encontro por cá.

Aluna: Illana Bondavale, 16 anos

Comunidade: São Leonardo

Canção do Paraíso

Nesta terra tem cultura
Onde se preserva o alemão
Pessoas que vieram de longe
Que ate hoje aqui estão.

Nossas plantas são mais verdes,
Nossos jardins mais coloridos,
Com o sorriso no rosto
Seja sempre bem vindo.

Andando sozinho, à tarde.
Com o silêncio a atormentar,
Aí passa o vizinho
E fica a buzinar.

Na minha terra tem cebola
È a renda que nos dá
Trocando favores e trabalho,
É o jeito que se vive lá,
Nesta terra somos colegas
Fazemos questão de ajudar

Que Deus não permita que eu me mude,
Pois gosto muito de morar lá,
O sossego que lá tenho
Não encontro pras bandas de cá.
Com águas que brotam da terra,
Para nossa sede matar.

Aluna: Maria Luiza da Silva, 15 anos

2º ano EM Inovador

Comunidade: Rio das furnas

Canção do Amanhecer

Aquela terra tem floresta,
Onde muitos animais vivem lá;
Os bichos que lá crescem,
Só lá querem ficar.

Aquele céu é mais azul,
Aquelas águas são mais puras,
Aquele bosque é mais bonito,
Aquelas vidas mais seguras.

Ao andar, sozinho, pela manhã ,
Mais aves eu ouço cantar
Aquela terra tem florestas,
Onde muitas aves vivem lá.

Aquela terra, tem cachoeiras
Que tais não encontro em qualquer lugar .
Ao andar- sozinho, pela manha-
Mais águas ouço correr por lá
Aquela terra tem beleza
Onde só o que não se vê é tristeza.

Não permita Deus que eu adoeça
Sem que eu de tudo posso aproveitar
Sem que por tudo canto posso andar.
Que nada eu deixe de ruim acontecer.
Sem que ainda eu veja
Os pássaros no céu de novo voar.

Aluna: Giovana truppel 2º ano inovador

**O VÍDEO REALIZADO PARA A PARTE TURÍSTICA DO PROJETO PODE SER VISUALIZADO NO
ENDEREÇO ELETRÔNICO:**

<http://carolpereiraa.blogspot.com.br/2013/08/a-bela-alfredo-wagner.html>